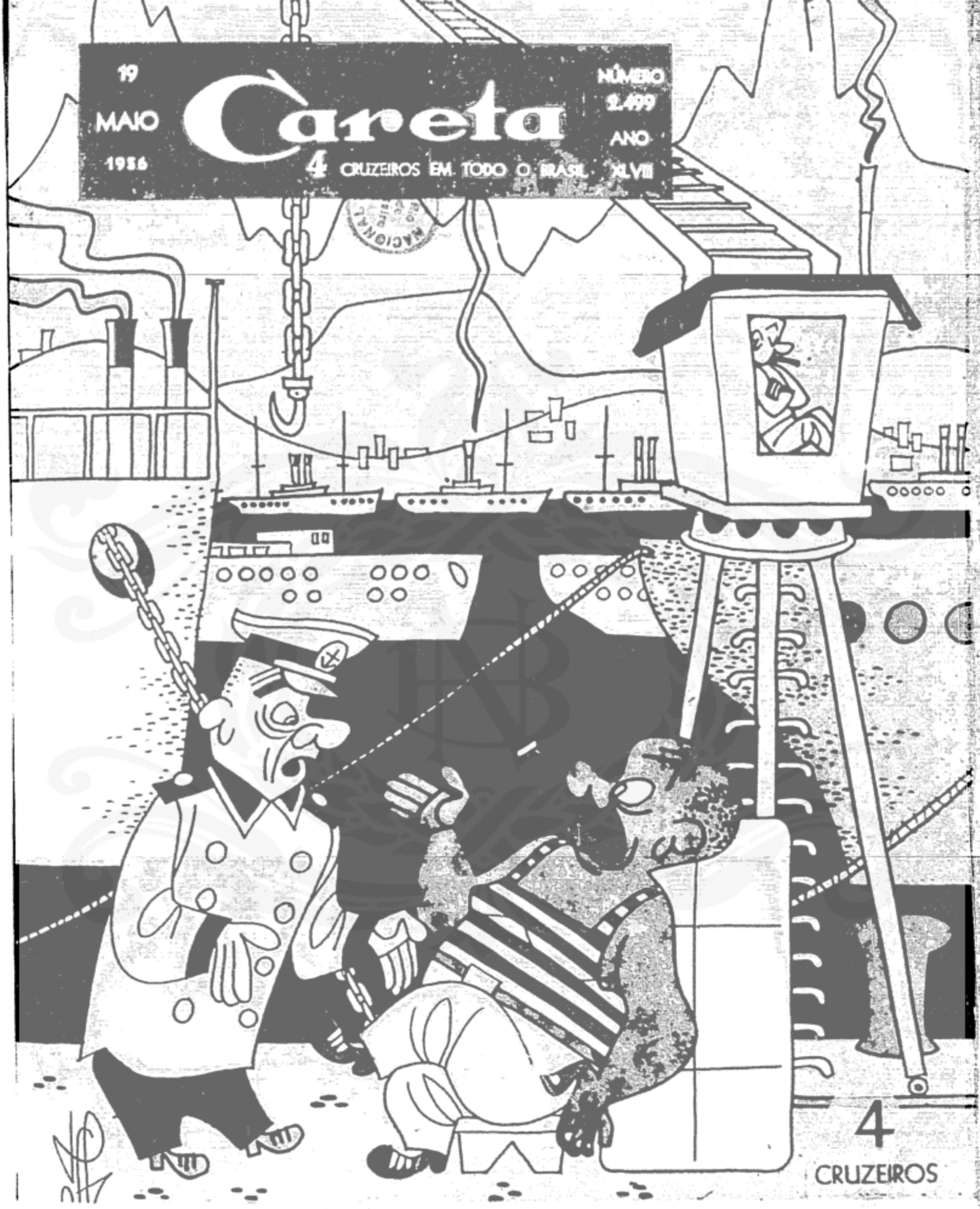
19 MAIO 1956

Careta

4 CRUZEIROS EM TODO O BRASIL

NÚMERO 2.499 ANO XLVIII



CANAIS COMPETENTES...

Você não está vendo a fila de navios ? ?

Se *que* se *diz* : a mim, venha *pra intermédio* do Sindicato da Estiva...

Moderno
CABELOSA

JORGE SCHMIDT
Fundador

Careta

ROBERTO SCHMIDT
Diretor responsável

GERÊNCIA,
REDAÇÃO E OFICINAS
RUA FREI CANECA, 383
END. TEL. KOSMOS
Rio de Janeiro
TELEFÔNIO 32-3721

Este número contém 44 páginas

LOOPING the LOOP

A CASA DE ORATES

(Continuação)

Qualquer semelhança com pessoas ou fatos da atualidade brasileira não é mera coincidência

O autor

EM continuação ao que ficou dito no número anterior, vamos prosseguir no estudo e análise da diretoria do *Hospício Nacional de Alienados*. Ocupar-nos-emos, neste artigo, de um dos médicos do manicômio, aquêle a quem compete, entre outros misteres, z e l a r pela conservação do prédio, pela limpeza das alamedas, pelo bom funcionamento da aparelhagem mecânica, pelo abastecimento de água, pela coleta e enterramento do lixo etc.

Normalmente êsse cargo devia ser ocupado por um engenheiro, mas na *Casa de Orates* tudo anda de pernas para o ar...

Antes porém de entrar no assunto principal dêste artigo, vamos tecer alguns comentários em tôrno do último "speack" do diretor do hospício, oração pronunciada num dos grandes estádios do manicômio, ante a presença de grande número de loucos mansos (mansíssimos !).

Dentre várias afirmações claras, concisas e confiantes declarou o diretor da *Casa de Orates* que sua administração está firmemente empenhada na estabilização dos preços, como primeira etapa do barateamento do custo da vida. Olhem que é preciso ter igual dose de coragem e cinismo para, diante dos fatos ocorrentes, fazer declarações de tal jaez ! E' mister ter cara de pau, cérebro de pedra e bôca de fogo (sem alusão...) para levar tão longe o direito de empulhar o próximo ! Com efeito. A alta administração da *Casa de Orates* outra coisa não tem feito — em quatro meses de desatinos, os quais, no dizer das próprias promessas do diretor, valem por quarenta — que não seja autorizar e até promover o encarecimento de quase tudo: subiram as passagens e os fretes rodoviários e ferroviários; cresceram as das barcas e lanchas; dobraram as dos bondes; aumentaram as entradas dos cinemas, os preços dos remédios, dos calçados, dos tecidos etc. Do mesmo modo foram majorados os ágios mínimos cobrados nos leilões de divisas; os preços do gás, luz e energia elétrica; as tarifas postais (600% !) e as telegráficas (1.400% !!!).

Além dêsses, "estão na bica" novos aumentos: telefones, leite, açúcar, carne etc. etc...

E diante de fatos inegáveis, quais são êsses, vem o pândego do diretor do hospício falar-nos em contenção de preços e barateamento do custo da vida... Chega a ser gozado !

Por que coisa nos está tomando o diretor da *Casa de Orates* ? Será por burros ? Olhe que somos apenas malucos...

Mas voltemos à personagem que está na berlinda. Acaba S. S. de fazer duas declarações contraditórias: afirmou que cêrca de 90% do orçamento, arrecadado pela seção sob sua responsabilidade, são despendidos em vencimentos pagos ao pessoal; disse também que ninguém será dispensado das fuçnões que ocupa. Mas nada disse nem explicou S. S. sôbre o que espera ou pretende fazer no sentido de manter tôda essa aluvião de malandros. E porque o não fêz é que o vamos fazer nós. Como todo mundo não ignora, as diversas diretorias da *Casa de Orates* autorizaram a venda de terrenos àqueles internados que, possuidores de bens de fortuna, quisessem construir suas residências. Muitos foram os infelizes que caíram no *conto* e adquiriram a casa própria. Alguns, possuidores de largos recursos, aplicaram-nos na construção de casas para renda. Julgaram que, morando em casa própria, ficavam livres do assalto do senhorio. Lêdo engano ! Sucedeu que passaram a ser inquilinos da seção onde pontifica o retratado neste artigo... Êste camarada, para não mandar passear os malandrotes, que são, entre milhares, os filhos, netos e genros dos colegas, os quais serão mantidos em postos onde, para início de carreira, ganham a "micharia" de trinta e nove mil cruzeiros mensais, manda reclassificar os imóveis dos pobres malucos, para efeito de cobrança extorsiva do imposto predial !

Sucede, entretanto, que existe lei — lei demagógica, porém lei —

Corda em casa de enforcado

— O Lott mais uma vez vetou a **reforma** do regime...
— Claro. Êle fica alarmado tôda vez em que se fala de **reforma** !

A diferença entre a mulher bela e a mulher feia é a mesma que entre a maçã e a banana. Na primeira, até a casca é saborosa; na segunda, a grossura da casca comprometeria o destino do miolo se não tivesse havido, no princípio do mundo, um homem com coragem bastante para descascar uma banana...

que congela os preços dos alugueis dos prédios de moradia. S. S., entretanto, parece disposto a sofismar a letra clara da lei, abrindo-lhe uma brecha que lhe permita reclassificar, para efeito da cobrança do imposto, aquelas casas que estejam ocupadas pelos seus proprietários !!!

E assim resulta que a lei, bôa para amparar o inquilino contra a usura do senhorio, não continuará sendo igualmente bôa para defender o proprietário da ganância do médico de que se trata!

Levada a têrmo tão deslavada chicana, proprietários haverá que receberão pelo aluguel de seus imóveis as importâncias irrisórias a que a lei os obriga, mas passarão a pagar, pelo que habitar, o que o Prefeito determinar...

Para maior clareza do que é, aliás, claro como a água da fonte, exemplifiquemos: o proprietário de cinco prédios idênticos, situados na Zona Sul, que se vê obrigado por lei a manter o aluguel antigo de novecentos ou mil cruzeiros mensais das quatro casas alugadas, terá que pagar impostos, da que habita, na base mensal de dez ou doze mil cruzeiros !!!

Pode ser que na *Casa de Orates* tal monstruosidade venha a prevalecer. Mas que em matéria de inescrupulosidade, imoralidade e despudor nada existe de semelhante nas cinco partes do Mundo, lá isso também é fato !

Bob

O condenado descobriu o segredo de Stradivarius

Uma das mais importantes fábricas mundiais de instrumentos de música acaba de comunicar, a um prisioneiro da penitenciária de Fort-Madison, no Iowa, que está disposta a comprar o seu segrêdo de fabricação de violinos.

— Seu preço será o nosso ! — declarou o presidente do Conselho de Administração da "Wurlitzer" ao condenado 16.111.

O portador dessa matrícula chama-se Fred Ostenreider. Não deu logo resposta. Na sua situação o dinheiro interessa menos do que a liberdade. O que êle deseja ardentemente é reduzir sua pena. Os tribunais o condenaram à prisão perpétua, em 1941, por assassínio. Tinha, então, apenas dezoito anos de idade. Descarregara, com efeito, as sete balas de sua "Colt" no dono de um bar que lhe havia recusado o uísque final da noite. Embora estivesse muito embriagado, pretendia ainda ter sêde. Por êsse momento de irreflexão, já havia cumprido quinze anos entre grades. Mas empregara bem êsse tempo. Dotado de certa tendência para a música, aprendeu a tocar violino e os protetores dos presidiários fizeram-lhe presente de um instrumento. Dedicou-se durante meses e meses a experiências para descobrir o que havia guiado os antigos violeiros, nas suas tentativas incansáveis, para chegar à quase perfeição que atingiram nos séculos XVI e XVII Amati e seu glorioso discípulo, Stradivárius...

Compreender é igualar ! — disse um filósofo. Para compreender o fundamento dêsse conceito, Fred Ostenreider estudou profundamente a arte dos violeiros. Depois, auxiliado pelos benfeitores dos sentenciados e pelo diretor da prisão, montou pequena oficina e começou a fabricar instrumentos. Suas experiências consumiram mais de dez anos. Fabricou violinos de tôdas as dimensões. Tentou múltiplos processos para secar madeira, para cortá-la, para envernizá-la. Finalmente, conseguiu verificar que os instrumentos fabricados pelos mestres antigos não deviam suas excepcionais qualidades ao verniz que empregavam, como se julgou durante muito tempo, mas, sim, à madeira e à estrutura da caixa harmônica.

Um instrumento fabricado por Ostenreider foi apresentado aos mestres violeiros da importante firma e êles, após longo estudo, declararam unânimemente que o autor daquela maravilha estava no nível dos ilustres violeiros de Cremona. O 16.111 tornara-se novo Stradivárius... Espera que esta insigne honra lhe abra as portas do presídio. Enquanto aguarda, oferece concertos a seus companheiros de infortúnio e fabrica violinos-miniaturas para divertir os filhos dos guardas.

✧

APOSTA EQUILIBRADA

Pensando em seu reumatismo, o Dr. Cavalcanti preveniu que o Inverno seria rigoroso. Siqueira, seu velho companheiro, dizendo-se conhecedor do tempo, contrariou-o, afirmando que o Inverno seria suave e propôs:

— Aposto minha cabeça se assim não fôr !

— E eu — disse o Dr. Cavalcanti — minha carteira.

Todos os amigos presentes sorriram, enquanto Siqueira respondeu:

— Que arrisca você ? Sua carteira está vazia.

— Claro ! exclamou irônico — Você apostou sua cabeça !

Cavalcanti não se alterou.

AS MAIS CURIOSAS NOTÍCIAS

Maywood (Califórnia) — A medalha de bom motorista foi concedida a Lou Murdock, porque, no decurso dos dez últimos anos, ao volante do seu caminhão, percorreu um milhão de quilômetros sem acidente. A medalha lhe foi entregue no leito do hospital em que estava internado havia três semanas, por ter quebrado uma perna ao descer a escada de sua casa.

✧

Você é quem "brilha" com BRILHANTINA COLGATE!
Brilhantina COLGATE, a única que contém Kolasterol, dá brilho, beleza e maciez aos cabelos, realçando sua personalidade.
BRILHANTINA COLGATE
BRILHANTINA
COLGATE

ARTE DE BEM MORRER

NÃO é tão fácil assim, morrer.

O candidato aos sete palmos deve estar preparado. Porque bem morrer é uma arte.

Eu falei em sete palmos. Esses sete palmos eram, antigamente — quando havia terra - - de terra. Hoje são de cimento: quero dizer: sete palmos escassamente medidos, dessas gavetas eufemicamente chamadas catacumbas, em que boje enfiam os que se imobilizaram para sempre. Os mortos, como os vivos, sofrem hoje de crise de habitações.

A arte de bem morrer ! O primeiro cuidado de um homem que vai desta para melhor é conservar-se íntegro e, portanto, andar muito direitinho na rua, observar bem os sinais de trânsito. Nada mais lamentável que ir o *quidam* para o cemitério feito pedaços por um dêsses *lotações* alucinados, que voam pelas nossas ruas. Ir no caixão como fressura, que pesar !

Depois, a precaução é andar em dia com o Fisco. Imposto de Renda, todos os impostos pagos ali, no duro, sob pena de irem persegui-lo no outro mundo os exatores de iniludível sagacidade, capazes de arrombar as portas do céu (ou do inferno) para a fatal cobrança, a despeito de tôda a oposição de São Pedro, num caso, ou de todos os diabos, no outro.

Já estará então o candidato à Eternidade com meio caminho andado.

O resto do caminho é também cheio de coisas.

Se é rico e tem família, precate-se: é de todo ponto inconveniente fazer partilha dos bens em vida, pois terá a tristeza de ver a sizânia tumultuar-lhe o lar - - atirados irmãos contra irmãos e genros e noras mostrando o que moralmente valem. Evite êsse espetáculo.

E no caso de não ter dinheiro...

Bem, neste caso, distingamos. Há gráus.

Se tem algum dinheiro, poderá deixar êste mundo de modo decente, metido num dêsses horrendos caixões de pano preto e ouropéis, quase a se desmancharem, de tão sarrafaçados, aos solavancos dos não menos hórridos coches de incrivelmente sujos dourados e de esfiapadas sanefas, que desfilam pela cidade como documentos de quatro rodas do bom gôsto da Emprêsa Funerária e pelos quais a emprêsa arranca às famílias remediadas somas de escorcha.

E se não tem dinheiro nenhum, caro pretendente ao seio do Senhor, se é pobretão de fato (e de direito, dizem os sociólogos pauperistas) então, conforme-se: você *não tem o direito de morrer !*

Há, para denegação dêsse direito, um acervo de instituições respeitabilíssimas, a começar pelo monopólio funerário. Você não poderá ir para a Cidade dos Mortos no seu chevrolèzinho bambo e rouco, fazendo economia em benefício da família. Nem embrulhar-se num lençol ou numa colcha. Não. Você é obrigado a acomodar-se no caixão de pinho e viajar nas incríveis traquitanas de dourados sujos, que custam os olhos da cara e são impostos pela funerária monopolizadora sob a égide do Estado.

Então, à falta de dinheiro para pagar todo êsse luxo farroupilha, você tem de escolher: ou a fossa comum ou o vagabundear por êste mundo até à consumação dos séculos, livre da contingência da morte, como aquêle soldado da história russa.

Isso porque pobre não tem o direito de morrer. Quem o diz não sou eu, é um velho escritor do paganismo, Apuleu. Segundo o autor do *Asno de ouro*, Caronte, tal qual como a nossa Funerária, não faz transporte gratuito

ANTES
E
DEPOIS
UTEROGENOL
SUPER
REGULADOR

na barca em que conduz ao Além os que deixaram a vida. Por isso enterravam-se os pagãos levando na bôca a moeda que era apanhada pelo condutor. O mesmo que sucede quando entramos numa barca da Frota Carioca. Sem isso, informa o autor, *ninguém poderá morrer! Nemo exspirare patietur*... E conclúi: até entre os do outro mundo impera a cupidez ou, na língua dêle: *ergo inter mortuos avaritia vivit!*

J. Frazão

DESAPARECIDOS 50.000 SOLDADOS ALEMÃES

Cinqüenta mil soldados (de chumbo) alemães esperam em alguma parte dos Estados Unidos, desde o Verão de 1945, o dia do repatriamento. Êsses militares, envergando uniformes brilhantemente coloridos, guarneciam há muitos anos o Museu dos Soldados de chumbo de Hersbrück, perto de Nuremberg. Foram feitos prisioneiros pouco depois do fim da guerra, no Verão de 1945, por um capitão americano acompanhado de alguns soldados, que carregaram todo o exército inimigo, devidamente embalado, em um caminhão. O conservador do museu ficou apenas, desde êsse dia, com a requisição escrita.

Nenhum vestigio dos 50.000 soldados pôde ser encontrado até agora, embora haja indícios que levam a supor que foram, na realidade, exilados na América.

O burgo-mestre, o Conselho Municipal e a administração do museu escreveram numerosas cartas, nos últimos anos, às autoridades norte-americanas. A última em data foi endereçada ao presidente Eisenhower. Êle respondeu, prometendo mandar investigar com o maior empenho, a fim de descobrir o exército perdido.

O capitão americano que o transportou a Munich por ordem superior, também prometeu ajudar no que lhe fôsse possível. Mas todos os esforços empregados foram até o presente absolutamente infrutíferos. O Museu dos soldados de chumbo permanece sem um único dos seus soldados...

ALBATROZ, MODÊLO DA AERONÁUTICA

Entre as aves é o Albatroz aquela cuja silhueta, nos ares, mais se assemelha à do avião moderno. Se desde o início, os homens que, como Santos Dumont, Adler, os irmãos Wright e Blériot, buscavam a solução do problema, tivessem tomado como modêlo o albatroz, mais ràpidamente a humanidade teria conhecido a aviação.

Famoso, desde a mais remota antigüidade, pela capacidade de manter-se no espaço durante mais tempo do que qualquer outra ave, o albatroz consegue êsse prodígio por sua conformação, que lhe permite planar, sem um movimento e, portanto, quase sem fadiga, durante horas seguidas. Basta observar sua silhueta para verificar-se que é igual à do planador ultra-moderno, destinado ao chamado vôo sem motor, que todos os aviadores consideram a melhor escola para ganhar o domínio dos ares.

Suas asas são, em proporção a seu corpo, as maiores de tôda a criação. Isso lhe dá grande pêso e, por isso, o Albatroz só pode alçar vôo depois de correr um pouco pelo solo, contra o vento (exatamente como os aviões) mas uma vez no ar, resiste melhor do que qualquer de suas congêneres à fadiga e à distância.

Os marinheiros, antigamente, consideravam sacrilégio matar o Albatroz, pois consideravam-no possuidor do poder de fixar o rumo dos ventos.

PERFUMARIA FLORAMÉLIA LTDA.
Rua Francisco Manoel, 273 — Telefone 29-0867

Os mosquitos

— O generalote mandou preparar centenas de leitos na ilha do Bom Jesus.
— O do J.K. tem cortinado?

Contra manchas, espinhas, cravos e rugas. Previne o contagio de certas infecções.
Purifica e perfuma a pele.
Não deixe de aconselhar ao seu marido usa-la após a barba.

AGUA ANTISSÉPTICA
Flôr de Tiê

PERFUMARIA FLÔR DE TIÊ LTDA. — C. P. 451 — Telefone 43-1340 — Rio
Pelo Correio Cr$ 25,00

"O PAR

ATIRADA à correnteza do Mundo, após a morte do marido, o saudoso engenheiro Viana Leal, a encantadora Maria Teresa deliberou tornar-se, para melhor beber o vinho capitoso da vida, uma das mulheres mais chiques da cidade. Clubes elegantes, casas de chá, praias de banho, arquibancadas de futebol, tudo teve, em pouco tempo, a delícia de sua presença maravilhosa, atordoando a ingenuidade dos homens. Chegada, porém, que foi a Primavera, e, com esta, a abertura do hipismo, foi para ela uma surprêsa quando observou, a si mesma:

— E' verdade! Eu nunca fui, na minha vida, a uma corrida de cavalos! E, no entanto, dizem que é um divertimento chique!

Dias depois deslumbrava o "Jockey Club". Levemente morena, olhos azuis, cabelos castanhos, Maria Teresa estava, em verdade, atordoante de graça, de encanto, de beleza. Vestido azul claro, chapéu e sombrinha da mesma côr suave, tinha-se a impressão de um pedaço do céu, muito leve, muito puro, quase fugitivo, que houvesse baixado sôbre a terra. E foi cumprimentando e sorrindo, ora para um lado, ora para outro, que tomou o rumo das arquibancadas, onde a gentileza do dr. Lineu de Paula Machado lhe havia reservado, a pedido do dr Eduardo Guinle, um dos melhores lugares da frente.

De repente, porém, compreendeu que à sua elegância faltava uma coisa: as "poules", a aventura na corrida, o jôgo em um dos cavalos do primeiro páreo. E como não quisesse manifestar sua condição de estreante, de caloura naquele divertimento chique, encaminhou-se, ela própria, para o lugar em que podia fazer o jôgo, pedindo, serena, ao empregado:

— Vinte, no "Pardal"!

OS MUÇULMANOS NÃO QUEREM MODIFICAR O SEU MUNDO

Desde o início da agitação, 575 escolas foram fechadas na Algéria, 121 outras foram queimadas pelos terroristas. O esfôrço para melhorar o ensino e aumentar o número de escolas — já insuficiente, pois comportava apenas 20% da população muçulmana infantil — estava comprometido por longo tempo.

Os incêndios de escolas vieram esclarecer definitivamente aos que acreditavam que os bandos de rebeldes pretendiam emancipar as populações muçulmanas. Trata-se, sem dúvida, de fanatismo étnico e religioso que data de outras épocas. Acredita-

DAL"

Atendida, ia a moça a caminho do seu lugar, quando, de súbito, indagou de um "jockey", que ia no mesmo rumo:

— Diga me uma coisa, moço: pode-se ver os cavalos que vão correr?

— Pode-se, sim, senhora — informou o rapaz.

— O senhor poderia, por favor, mostrar-me êste?

O "jockey" examinou os papéis que a interlocutora lhe mostrava e prontificou-se:

— O "Pardal"? Pois não, minha senhora. E' êste?

Coradinha do sol, revirando na mão enluvada o seu riquíssimo binóculo de madrepérola e ouro, a linda senhora pôs-se a olhar, atenta, o fogoso animal, que passeava, impaciente, de um lado para o outro, relinchando, nitrindo, castigando com o casco forte as tábuas sujas do solo. Meticulosa, a rapariga olhou em tôrno e viu que aquela agitação do animal era devida, tôda, à proximidade de umas poldras luzidas, encurraladas em uma estrebaria vizinha.

— Ao ver as poldras, Maria Teresa enrugou a testa, abriu a sombrinha e voltou, ligeira, à casa das "poules".

— Faz favor? — pediu.

O empregado atendeu e ela indagou:

— O senhor não me poderia trocar estas "poules"?

— Trocar, posso, sim, senhora. Mas a senhora faz mal em jogar noutro cavalo. O "Pardal" é, hoje, o favorito, êle vai ganhar.

Maria Teresa protestou, com desfastio.

E num muchacho, convicta:

— Não ganha, não. Eu já fui ver lá. Êle não está pensando, hoje, em corrida!

E trocou as "poules".

HUMBERTO DE CAMPOS

---

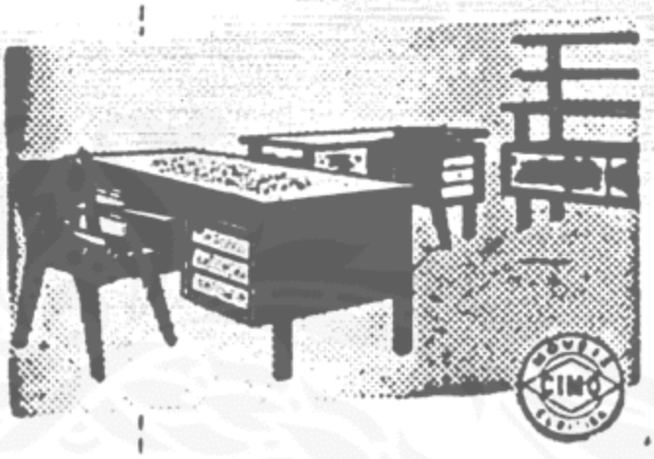
se que os rebeldes acusam os franceses de lhes não haver proporcionado as vantagens da civilização ocidental e fala-se de salários, p[illegible]odução e instrução quando se evoca a crise algeriana.

A verdade é justamente o oposto.

E' essa ocidentalização, essa modernização que levam os nativos a acusar os franceses de criminosos — dizem os jornais europeus. Os *Oulémas* da Algéria, como os irmãos muçulmanos que pontificam em todo o mundo islâmico, declararam guerra a tôdas as liberdades que cultiva a civilização ocidental e, sobretudo, à liberdade intelectual, tal como é compreendida na Europa e na América. Para êles, a vida do homem foi regulada uma vez por tôdas nos ensinamentos do Profeta contidos no Corão. Tudo que se opõe a esses ensinamentos deve desaparecer. E' essa penosa, mas estrita verdade.

solicite o modêlo 9.600!

COM PÉS DE FERRO



MÓVEIS CIMO

NO CABELO USE! gumex SUBSTITUE AS BRILHANTINAS NÃO É GORDUROSO

Comedia infinita

O GENERAL Henrique Clóvis Beviláqua Lott tinha tôda razão quando chamou de "retôrno" os seus **go'pes** da novembrada. De fato, era um "retôrno" geral o que se operava sob a proteção da sua espada invicta e aí estão já completamente restaurados: os negocistas da oligarquia nos negócios antigos e novos; os ladrões públicos e notórios nos postos do Ministério do Trabalho onde o sr. Parsifal Belchior Barroso **reza** pela cartilha do patrão Jango; os "pelegos" que agitam os sindicatos no sentido de reivindicações salariais que, necessàriamente atendidas, alcançam excelentes efeitos demagógicos; os "arapotis" de todos os tamanhos, inclusive os monazíticos.

Como se vê, não podia haver nome mais próprio: a novembrada foi de fato movimento de "retôrno" e tudo já retornou...

— ✧ —

Ao que nos informam, mais um ministro de J.K. vai residir em próprio do Estado. Trata-se agora do Ministro da Saude, que estaria disposto a fixar residência no prédio do Museu Nacional, na Quinta da Bôa Vista. Apuramos, porém, aue o sr. Mauricio Marajoara de Medeiros não procederá como os seus colegas Alcuimin e Clóvis Vitupério Salgado, que providenciaram o despejo dos serviços que funcionavam nos prédios que escolheram para residir. Não, o sr. Mauricio Marajoara de Medeiros ao instalar-se no Museu, conservará ali as múmias, com as quais se sente perfeitamente identificado...

— ✧ —

O gráfino Prefeito Negrão Estado Novo de Lima inaugurou, solenemente, o "batalha do lixo". O ato consistiu no desfile dos caminhões contratados para a retiração do cisco acumulado.

Cá no nosso entender, essa vergonheira do lixo devia ser resolvida em silêncio, mas os homens do govêrno são tão dados a sujeiras que festejam o lixo da cidade...

Em verdade, o lixo que será removido será apenas o das latas das residências particulares. O entulho grosso, representado pelas sujidades que o próprio govêrno cultiva, êsse engrossará cada dia mais.

— ✧ —

O sr. Cumplido Ônibus de Santana, ativo Diretor do Departamento de Negociações **da Prefeitura, procurou explicar o seu oferecimento de passes do seu sobrenome e de lotações aos vereadores. Ao que disse, os passes são distribuidos com a finalidade de facilitar a fiscalização daqueles veiculos, e não de subornar as pessoas contempladas, como parecia à primeira vista...**

Verifica-se, em todo caso, que o genial método do Diretor do Departamento de Negociações **tem sido de grande vantagem... para as Emprêsas que fornecem os passes...**

— ✧ —

O abastado estancieiro e feliz beneficiário de vultosos empréstimos no Banco do Brasil, sr. João Belchior Cirei Goulart, foi passar o 1.º de Maio entre os homens de negócios dos Estados Unidos.

De volta continuará a **cevar** nas Autarquias do Ministério do Trabalho os ladrões públicos e os **picaretas** profisionais que o servem e se servem do P.T.B. Outrossim, nas proximas eleições empunhará de novo a **carta-testamento** de Vargas, onde se contêm referências tão hostis aos norte-americanos e à sua influencia no Brasil, a qual seria até responsavel pela desgraça politica do dr. Vargas.

Só receiamos é que Jango, que vende tão bem os seus bois, passe a interessar-se também por negócios de petróleo e areias monazíticas.

— ✧ —

De 40 centavos passou para Cr$ 2,50 o porte de uma carta simples!

Trata-se de providência da exclusiva alçada do govêrno federal, que assim ilustra os seus declarados propósitos de deter a elevação do custo da vida....

Todavia, o Cel. Mindelo está muito satisfeito porque êsse aumento não terá a responsabilidade da COFAP e como J.K. disse ao coronel que não admitiria novas majorações que afetassem a economia do povo, deve admitir-se que a majoração das tarifas postais foi feita à sua revelia.

Isto, aliás, é de justiça reconhecer, não é impossivel, pois como todos sabem, Juscelino, coitado, não manda nada, apenas assina e passeia, com a graça de Deus...

✧ ✧

Caetu

-use o trio da elegância

Creme de Barbear Ingram's, em tubo ou em pote, com ou sem mentol - amacia a barba, dando à pele uma sensação de confôrto. Um pouquinho faz um mundo de espuma!

Locão Facial Ingram's, complemento indispensável após a barba: protege a pele, evita irritações e deixa no rosto um frescor agradável.

Locão Vitalis, elimina a caspa, vitaliza os cabelos, fixa sem engordurar, deixando um suave e discreto perfume masculino.

Use o trio...
para sua elegância!

produtos de fama mundial.

NERO, O ILUSTRE DESCONHECIDO

Já foi esclarecido, pelos mais notáveis historiadores modernos, que não foi Nero o desalmado incendiário da capital do seu Império, crime que lhe foi atribuido pelos escritores católicos. Entre nós, em seu livro "O Drama do Mundo", Orvácio Santamarina escreveu: "Tornou-se insofismável a calamidade pública, na capital, devido ao célebre incêndio do ano 64. Nero foi acusado, sem fundamento, como autor do sinistro que destruiu a maior parte — precisamente a mais suntuosa — de Roma. Querendo livrar-se da acusação, desviou as suspeitas para uma das seitas religiosas mais depreciadas da época — a dos cristãos. Iniciou o martirológio dos fiéis, inscrevendo com letras de sangue o triste episódio na história da Cidade Eterna". Agora aparecem minúcias sôbre o acontecimento. Conhecida revista especializada norte-americana diz que a opinião pública causa, há dois mil anos, prejuizo injustificado à memória do imperador Nero a propósito do incêndio de Roma, ao qual teria contemplado, tocando lira. Em realidade — diz o magazin — Nero se achava em sua casa de campo, a oitenta quilômetros de Roma, quando se manifestou o incêrdio. Ao ser informado, dirigiu-se precipitadamente à cidade, onde dirigiu com eficiência a luta contra o fogo e as operações de salvamento, providenciando alojamento e alimentação para os desabrigados (tal e qual como o apóstolo Pedro). Após a calamidade, Nero reconstruiu nova Roma ainda mais bela.

Como, entretanto, havia acusado os cristãos como autores da catástrofe e os havia perseguido cruelmente, os senhores da Igreja, ignorando o verdadeiro testemunho dos historiadores, apresentaram-no ùnicamente como um monstro sanguinário. Mas, na verdade, a conduta de Nero, por ocasião do incêndio de Roma, foi provàvelmente o único ato louvável da sua vida dissoluta.

19-5-1956

A cintura da Cotinha

A Lingua de Prata — O sr. não acha, **seu** Zeferino, que a Cotinha está engordando muito depressa ?!

O Ingênuo — Hoje em dia, dona Zebrina, tudo **aumenta**...

O sentimento não envelhece: transforma-se. Pode-se amar eternamente, contanto que não seja sempre à mesma mulher...

VAI SER MÃE?

DELIVRANCINA

MEDICAMENTO DAS PARTURIENTES PREPARA O ORGANISMO PARA UM PARTO FELIZ EVITA O ABORTO, VOMITOS, ENJOOS, CANSAÇOS SEU USO É PROVIDENCIAL DURANTE TODA A GRAVIDEZ FARMACIA SIMOES RUA MATOSO 33 — RIO ENVIAMOS PELO REEMBOLSO POSTAL

O aprendiz

ONTEM, um amigo meu, ao ver-me soturnamente e desgostoso com as vicissitudes da vida, tentou convencer-me a ser humorista.

De princípio reagi contra sua argumentação e lembro-me até que, a certa altura da conversa, lhe disse:

— Olhe, meu caro amigo, você tem um falar muito fresquinho, o que, realmente, sabe bem com êste calor. Mas, franqueza, só creio no humorismo de geração espontânea. Um indivíduo nasce humorista como poderia ter nascido louro ou moreno, maneta, vesgo ou coxo. É um caso da Natureza. Essa sua idéia de que qualquer sujeito pode treinar para humorista, fazendo "footing" pela manhã, ginástica respiratória especial, leituras adequadas etc., parece-me exagêro da sua parte, exagêro quase a tocar pelo absurdo.

Meu amigo riu-se sem eu saber por que — mas quem é que sabe o por quê do riso? — ajeitou-se melhor na desconfortável cadeira daquele terraço onde me encontrava e aceitou, desalmadamente, mais uma cerveja com sanduiches. Depois, estendendo as pernas sob a mesa, sujou-me as calças, garatujou-me umas desculpas e expôs-me, condescendentemente, a primeira lição do curso de humorismo.

— Ouça, meu amigo: a coisa é simples. Você, logo de manhãzinha, salta da cama — convém começar cedo. Ao meio-dia ou uma hora liga o rádio e, se não estiver com muito azar, logo à primeira tentativa ouve um samba bem rebolado. Fecha bruscamente o aparelho e canta "Os pobres de Paris." Seguidamente abre a janela de par em par, bate no peito como Tarzan, mas devagarinho para não magoar, e grita a plenos pulmões: Upa! Ho-

de humorismo

vou procurar um amigo que me queira emprestar cem "pratas", cem "pratas", cem "pratas", e repete a frase em vários tons, para que a imagem mental que se cria por êste processo possa penetrar bem em qualquer órgão afetado pela neurastenia. Em seguida escolhe cuidadosamente no guarda-roupa a sua única farpela e vem para a rua disposto a correr Mundo, gritando a tôdas as pessoas que passarem, conhecidas ou não, um "Olá amigo, bom dia amigo, desejo-lhe um final de tarde muito feliz, até amanhã a esta mesma hora", ou qualquer outra frase que seja tão original como estas.

Quando chegar à cidade — um homem que se preza vem sempre à cidade — compra a "Careta", decora as anedotas e impinge tôdas ao primeiro que cair ao seu alcance. Repare que êle, a certa altura, começa a dizer-lhe: "Essa faz-me lembrar..." e despeja-lhe, logo a seguir, outras tantas que sabe.

E' então a sua vez de mostrar que é também um homem de espírito e solta uma bôa piada, ali, inventada na ocasião. Ora vamos: conta lá uma piada para ver se você percebeu bem.

Confesso que fiquei algo assarapantado com aquela idéia, mas não quis desiludir o meu amabilíssimo mestre e fiz um esfôrço tremendo, mas a única coisa que saiu de momento foi a transpiração. Vexado e persistente, chamei o criado, pedi mais duas canecas de cerveja e, mal acabei de ingerir o último gole, gritei, todo babado de cerveja e contentamento: Espere: tenho uma idéia! E tinha mesmo. Raspei-me e deixei o mestre de humorismo às voltas com a conta; com a enorme conta das bebidas.

Não sei se êle achou graça: mas, que diabo, para primeira lição não se podia exigir mais...

CONCEITOS E PRECONCEITOS

O Tamanco é um chinelo analfabeto...

— ✧ —

O defeito dos burros não está em serem burros mas em não serem cavalos...

— ✧ —

...A champanha é a cachaça das grandes almas...

— ✧ —

A emoção é o combustível da alma. Muitas vêzes, porém, o combustível corroe a máquina...

— ✧ —

Se o Diabo pudesse vir ao Mundo, em vez de comprar almas, fabricaria automóveis...

— ✧ —

Um homem com um automóvel vale por dez...

✧

As mulheres chiques seriam, tôdas, analfabetas, se não gostassem do livro de cheques...

— ✧ —

A velocidade é uma volúpia porque dá a posse instantânea de paisagens sucessivas...

— ✧ —

O monopólio é inimigo do progresso. O casamento é um monopólio, o mais odioso dos monopólios...

UM BOM PENTEADO
ÓTIMA APRESENTAÇÃO

WELLA

Não esqueça êste preceito! Lembre-se de que os seus cabelos também podem realçar a sua personalidade.
Use, pois, pela manhã, o especifico creme

WELLAFORM

e apresente-se sempre impecàvelmente penteado, com os cabelos brilhantes e protegidos.

WELLAFORM — *creme para pentear, à base de Colestral*

à venda em tôdas as casas do ramo

TRICAS E FUTRICAS

O sr. Juscelino é incontestàvelmente um belo orador: fluente, fácil, às vêzes até elegante e exato. Mas tem um grave defeito: fala demais. O demônio da facilidade o atraiçôa e compromete. Quando começa um discurso, vai sempre além da conta. Não tem o dom da concisão e da medida, que foi o segrêdo de Epitácio Pessoa e de Francisco Sá. Embora não chegue à prolixidade de Rui Barbosa, é sempre excessivo e derramado. Daí o malicioso comentário do sr. Capanema:

Gustavo Capanema

— O Juscelino quando fala pensa que ainda é candidato: não fala nunca como Presidente, e isto é que estraga a sua oratória... Precisa de mais contenção verbal!

✧

No primeiro "round" da batalha da reforma constitucional o líder Vieira de Melo foi derrotado, mas não pelo seu adversário natural e ostensivo, que era o ministro Nereu Ramos: foi derrotado pelo general Lott, cuja ciência jurídica abafou o Congresso. O general Lott revelou-se o maior constitucionalista do seu tempo — o maior e o mais forte... Contra sua fôrça, não há argumentos!

Nereu Ramos

Depois de algumas escaramuças, o sr. Lupion entregou os pontos: voltou às bôas e recebeu o sr. Juscelino festivamente em Curitiba.

Moisés Lupion

Será que êle ainda tem esperanças de salvar os seus "arapotis"?

✧

Não está contente o sr. Francisco Negrão de Lima na Prefeitura. Havia de preferir decerto uma embaixada na Europa. Mas ao sr. Negrão, apesar de tão simpático e bem dotado, só tem cabido as pastas ingratas: quando lhe quiseram dar uma embaixada, mandaram-no para o Paraguai; quando o sr. Getúlio lhe deu uma pasta, foi a da Justiça, com as intrigas e as ambições do sr. Balbino na ilharga: agora, por fim, o que o sr. Juscelino reservou para êle foi a Prefeitura: desorganizada, desmoralizada, sem esperança.

Getúlio Vargas

Antônio Balbino

É preciso arranjar uma compensação para êsse grande sacrificado!

✧

Os três poderes da República atualmente, segundo o sr. Baleeiro, são: *Infantaria, Artilharia* e *Cavalaria*.

Bôa bola! E dura verdade.

Aliomar Baleeiro

✧

Os dois chefes estaduais de situação mais difícil no Brasil — os srs. Vitorino Freire e Magalhães Barata — têm dois esteios fortes no Catete: os srs. Josué Montelo e Ocelio Medeiros.

Magalhães Barata

Serão suficientes para agüentá-los, evitando-lhes a queda?

✧

O sr. Dulcídio perdeu o "record" que detinha de Prefeito que mais demolições fizera. A "faixa azul" das demolições ficou agora com o sr. Sá Lessa.

✧

Dois ministros, por sinal que ambos acadêmicos, estão pessoalmente muito fracos no Govêrno: o embaixador Macedo Soares, que se apoia no *Diário Carioca*, e o prof. Mauricio Medeiros, cuja base política é o destroçado Ademar de Barros.

Mauricio Medeiros

Agüentar-se-ão até quando?

✧

O sr. Maurício Joppert, com a sua teimosa vocação para Prefeito do Distrito Federal, escreveu no *Jornal do Brasil* que o sr. Juscelino é o melhor ator que jamais passou pelo Catete. Terá o ilustre *Juscelino Kubitschek* der udenista esquecido que Epitácio Pessoa foi presidente da República?

✧

Está assentada a substituição de Álvaro Lins pelo sr. Tancredo Neves na chefia da Casa Civil. Álvaro Lins é um posto mais adequado ao brilho da sua inteligência e aos primores do seu espírito: será embaixador do Brasil em Lisbôa.

Tancredo Neves

✧

Majorações de iniciativa governamental, na hora da congelação dos preços: tarifas dos Correios e Telégrafos, fretes marítimos; gasolina e combus-

veis líquidos; luz e telefone; barcas; tarifas ferroviárias e rodoviárias.

Por enquanto, só isso...

—✧—

O parlamentarista Vieira de Melo, fragorosamente derrotado, logo de entrada, na batalha da reforma constitucional, pelo presidencialista Teixeira Lott, recebeu uma ficha de consolação: um banquetinho do P. S. D. ... O general Lott não botou tanques na rua para *impedir* a festinha do líder..

Vieira de Melo

O sr. Capanema é quem está gozando!

—✧—

Partiu para os Estados Unidos o sr. João Goulart, vice-Presidente da República. Partiu, logo depois dêle, o sr. Café Filho, ex-Vice-Presidente e ex-Presidente. Que vão fazer os norte-americanos com tantos vices?...

Jango Goulart

—✧—

Continua em férias a eloquência do sr. Alcides Carneiro — encostada no gabinete do Ministro da Justiça... Que tristeza!

AS MAIS CURIOSAS NOTÍCIAS

Tóquio — Tokusaburo Taakahashi, funcionário público, comunicou ao Bureau Nacional da Luta contra o Fogo, que estava impossibilitado de assistir à cerimônia, na qual lhe seria conferida medalha de honra, pelos relevantes serviços por ele prestados na prevenção de incêndios, por achar-se impossibilitado de locomover-se em vista de estar na prisão por ter recebido luvas numa transação com imóveis do Estado.

A distinção do seu penteado exige algo *bem* acima do comum

- a incomparável

ÁGUA DE QUINA PINAUD

- a única que evita a ANEMIA DOS CABELOS!

Não hesite! Rejuvenesça seus cabelos com a ação tonificante da perfumada Água de Quina Pinaud. E você ficará livre da caspa e da seborréa ao mesmo tempo em que dará aos seus cabelos maior resistência... maior brilho, maior beleza! A Água de Quina Pinaud é recomendada ainda para facilitar a variedade de estilos do penteado feminino. Para você, e para sua família, adquira ainda hoje a notável Água de Quina Pinaud!

Escolha o tipo mais adequado para você:

Água de Quina Pinaud - **com óleo** Sem empastar, fixa melhor! De famosa fórmula francêsa, a base de preciosas plantas contem finíssimos óleos, tão diluidos que ficam até invisíveis!

Água de Quina Pinaud - **sem óleo** Com as exclusivas virtudes tônicas da quina, substitui, com vantagem, qualquer loção não-oleosa. Excelente para a limpeza do seu couro cabeludo.

Todo barbeiro conceituado aconselha e usa da renomada Água de Quina Pinaud!

PINAUD *Paris* Perfumistes desde 1810

O generalote que o diga...

Jânio — Você anda muito preocupado com a energia atômica !
J.K. — E não é para estar?! O que me falta é justamente energia !...

A VIDA NÃO TEM ENCANTOS PARA OS HOMENS ESGOTADOS

O Dr. Otto Loewi, professor de pesquisas farmacológicas da Universidade de New York e Premio Nóbel, disse que muitas das modernas drogas medicamentosas foram descobertas pelos homens primitivos. "Parece que a natureza emprestou-lhes um sentido, um poder de reconhecer as plantas medicinais". Haja vista a Marapuama (Acanthe Virilis), usada há muito tempo, pelos nossos silvícolas, no tratamento de várias manifestações de enfraquecimento orgânico e que hoje, associada à Catuaba, completa a fórmula das famosas Pílulas Maratú. Milhares e milhares de pessoas, que fazem uso dêste produto, consideram-no poderoso tônico nervino, empregado no tratamento da astenia neuro-muscular e suas manifestações. Pílulas Maratú não é um produto de ação passageira, mas sim um restaurador das energias perdidas em conseqüência dos excessos da mocidade.

Pedidos à Cia. Química Distribuidora Carlos de Brito — Rua do Lavradio, 178-A — RIO DE JANEIRO.

Galanteios...

À tarde, quando ela saía do emprêgo, já sabia que encontraria, ao longo do percurso, uma série de basbaques que, atravancando as calçadas das ruas, lhe diziam graças idiotas com pretensões a galanteios espirituosos. Para Maria Rosa aquela parte do dia era a mais penosa, a mais desagradável.

Já não se importava com as desculpas amigáveis do chefe do escritório se, na correspondência, trocava os tempos dos verbos ou colocava vírgulas entre o sujeito e o predicado.

Também já não a afligia a inveja mal escondida das colegas, por lhe deitar o sócio mais novo da casa olhares prometedores de melhoria de vida social.

Ela sabia que era bonita, que tinha olhos provocantes e que, na topografia do seu corpo airoso, havia equilíbrio invulgar de reintrâncias e saliências, justificando, eloqüentemente, a inveja das colegas e a atração dos homens com quem tratava no escritório. Mas irritava-se e enfurecia-se quando, na rua, lhe atiravam qualquer galanteio, por mais inocente que fôsse.

— Idiota! — respondia Maria Rosa, mal os basbaques olhavam para ela.

— O' criatura, tens que deixar de ser assim ! — dizia-lhe a madrinha. Eu também fui nova, fui bonita e nunca me irritei, lá porque qualquer homem me dirigia a palavra. Eu até gostava ! Para os homens não nos ligar importância, bem basta quando somos velhas. Hoje, quando atravesso as ruas, sou ainda menos do que um carrinho de mão: nem se afastam para que eu passe !

— Que quer, madrinha ? Irritam-me os nervos aqueles olhares de sanguessugas e aquelas insolências de carroceiros.

— Mas vamos a saber que insolências te têm dito ?

— Ainda ontem, na Cinelândia, um velho borococho, de quase 70 anos, chamou-me "lasca".

— "Lasca" ? !

— Sim, madrinha ! Veja lá se pode haver insolência maior !

— Realmente é estranho ! No meu tempo ninguém me chamou "lasca". Que diabo quereria o homem dizer com isso ?!

— O quê ! Não sabe ?

— Confesso que é a primeira vez que ouço essa palavra, aplicada a uma mulher.

— Pois o que êle queria dizer com isso é que eu sou elegante, airosa, sedutora. Compreende ?

— Compreendo... Mas deixe-me que te diga: Se é só isso, não vejo mal algum. Naturalmente nem o tal sujeito pensou que o galanteio te magoava.

Nesta altura do diálogo entrou o dr. Silva.

O dr. Silva era o médico da casa. Teria, talvez, 60 anos. Solene, austero, imponente.

— Que discussão é essa ? — perguntou o clínico, com o à-vontade de quem goza de muita confiança.

— E' Maria Rosa que está tôda eriçada porque, na rua, lhe chamaram "lasca" ! — respondeu a madrinha.

— E o doutor não acha que tenho razão ? — interveio logo Maria Rosa. — Sim, porque só um homem muito ordinário é que se atreve a dizer um galanteio dêsses a uma moça. Por exemplo, o sr. doutor, que é pessoa fina, se visse uma jovem como eu, era capaz de chamar-lhe "lasca" ?

O dr. Silva teve um momento de hesitação. Depois, olhou Maria Rosa de alto a baixo e, fazendo ràpidamente um exame de conciência, respondeu:

— Talvez não fôsse capaz de lhe chamar. Mas... de pensar... era, com certeza !...

— Vês, minha filha ? — atacou logo a madrinha. Nestas coisas os homens são todos iguais. A única diferença que há entre os homens finos e os ordinários é que, em geral, os ordinários não pensam o que dizem e os finos não dizem o que pensam !...

——◇——

Um homem de letras que se casa estraga o seu melhor assunto...

— ◇ —

O amor é muito bonito... quando nasce e quando morre.

— ◇ —

Mais vale amar a uma sombra do que a uma mulher: pelo menos a sombra não nos trai nunca...

— ◇ —

A alma da mulher é feita de pequenas infidelidades.

— ◇ —

A saudade é uma espécie de imposto sôbre a renda *do sentimento: cobra-se no fim do amor...*

◇ —

Não são as mulheres que metem medo aos homens de juizo: são os instintos que elas revelam...

— ◇ —

A inteligência ajuda-nos a viver e o coração a... morrer.

— ◇ —

19-5-1956

Os OCULOS do DIABO

Crônica de Lisbôa: por **Jorge Ramos**

Jornalista português

INTERMEZO ROMÂNTICO

A MAGNIFICENTE carruagem, de sua majestade o Sol, está à porta do seu palácio fabuloso. E' um coche de topázio, puxado por cavalos mitológicos, semelhantes aos que apareceram nos baixos-relevos da Assíria. O rei Sol não é um Luís XV com peruca de fogo: é um rei viking incandescente, com couraça de ouro, pele de rena, estranha e fulva, sôbre o dorso, chavelhos de madrepérola lançando mil reflexos cegantes. Sua majestade vai inaugurar a sessão solene do Dia. Acompanha-o o grão-duque seu escudeiro, satélite rutilante que tem a astúcia de um diplomata pelo muito que observou ao contemplar a Terra. — O que se diz agora de ruim, no mundo dos homens? A esta pergunta, que se repete há quinhentos milhões de anos, desde que no Planeta Morto surgiram novas fórmulas de vida, o escudeiro responde desta vez:

— A Imprensa ocupa-se de nossa majestade, desde que os sêres humanos tentaram — e parece que com certo êxito — experimentar no terreno da realidade científica a intuição filosófica de alguns pensadores da chamada antiguidade grega: o átomo e a sua fôrça cósmica.

— A antiguidade grega, com o gênio dos seus filósofos e a audácia das especulações mentais, é a escola primária da Terra. Terão muito que aprender.

— Afirma-se que se conhece alguma coisa da existência de vosso majestade, outrora um mistério tão deslumbrante como a luz que irradiais, excelso monarca! O que foi outrora idolatria, é agora simples motivo de curiosidade.

— Agrada-me que os homens façam progressos. "Mistério" é palavra helênica. No espírito dessa curiosidade de que me falais, talvez ainda esteja presente a mesma fascinação com que a sabedoria dos antigos gregos — limitada como todos os conhecimentos humanos — banhava de luz êsses a que chamam a sua própria alma.

— Os homens, majestade, continuam a admirar-te e a consagrar-te. Uns com a luneta dos telecóspios, outros curvando a cabeça até ao chão. Nenhum imperador teve cognome mais ilustre do que o Sol: és para todos os homens a Fonte da Vida, nascente prodigiosa em incessante criação. Para êles, temos a fantasia perpetuamente jovem de um inventor mágico regulando uma pequena parcela da vida universal, e possues segredos maravilhosos. Cada vez que se tenta descobrir um dêles, o homem encontra uma explicação para qualquer "mistério" da Natureza...

— Prefiro que a imaginação e o sonho se ocupem de mim...

— Com o devido respeito devo lembrar a vossa majestade que a filosofia e a ciência convivem em estreita intimidade com a fantasia, e a humanidade começa a compreender que o próprio Universo é poesia pensamento, essência, realidade e criação poética.

— E a propósito... os poetas ocupam-se da minha presença? Têm-me tratado como uma pequena estrela a cento e cinqüenta e dois milhões de quilômetros da humanidade, perdida na poeira do Infinito, ou julgam-me talvez, em lugar de um rei soberano, uma grande nação ocupando na escala da geografia planetária o quinto lugar exatamente como a quinta nota da escala musical?

— Os poetas da Terra parecem-me hoje pouco impressionados com a circunstância de vossa majestade ser um milhão e trezentas mil vêzes maior que o planeta-micróbio onde residem. Contudo, ainda ontem Virgílio exaltou a vossa glória em hexametros greco-latinos, as sagas islândicas e os trovadores medievais cantaram o vosso esplendor, e com êles vos divinizaram Villon e Burns, Dante e Milton, Rostand e João de Deus, Milton e Verlaine, Camilo Pes-

(Continua na página 31)

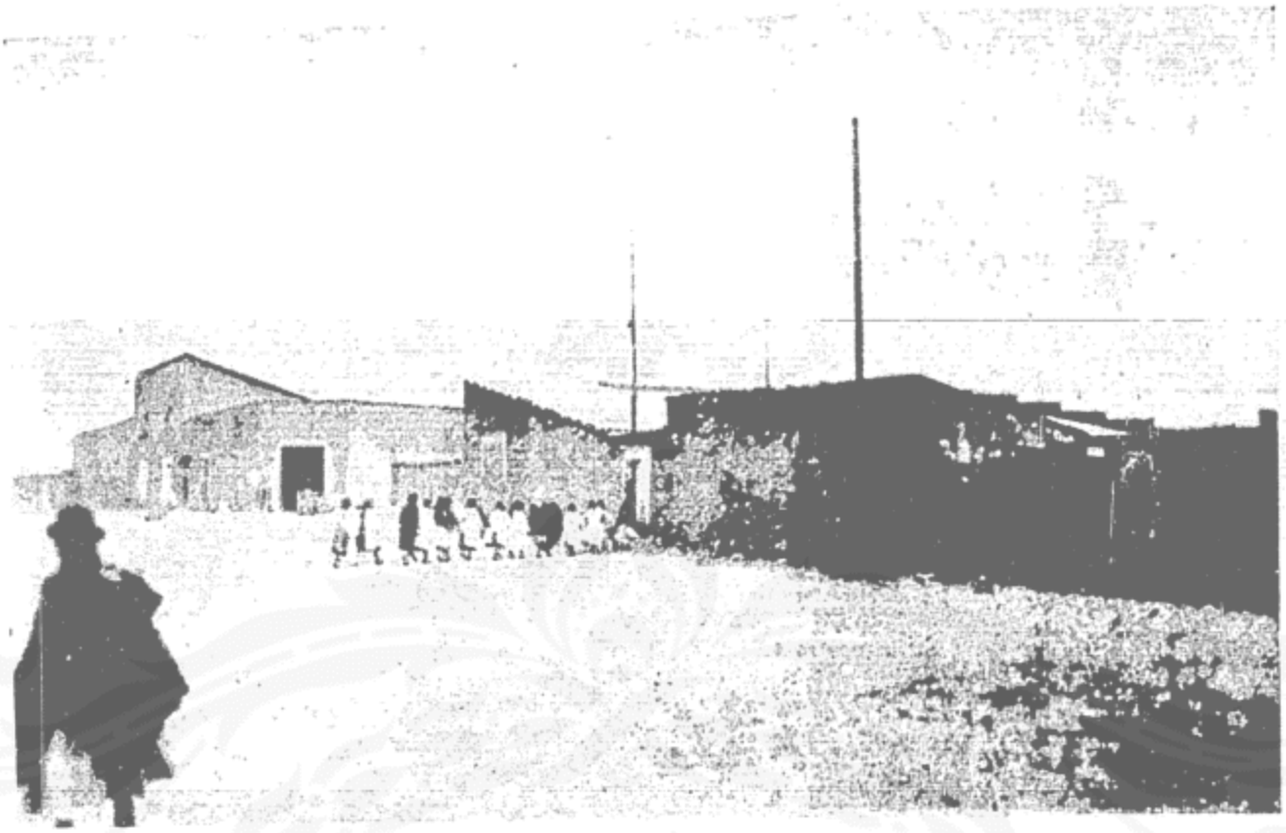
Gente Bonita

Hoje oferecemos, aos leitores desta revista, um **bouquet** de flôres das mais belas que existem. Essa que aparece ao alto da página é Hillevi Rombin, a formidável sueca que se sagrou Miss Universo no ano p. findo.

Essa beleza que, de máquina fotográfica em punho, se prepara para fotografar Fraulein Margot Pirkl (esquerda) e Ruth Wilbert (direita) é Ingrid Funkler a nova "Miss Munich". Fraulein Funkler tem apenas 19 anos de idade e é uma uva!

Da esquerda para a direita e da frente para trás aparecem Misses Judy Barrett, Bobby Dowd, Beverly Kirkland, Peggy Ray, Barbara Miller, Sarita Belkey e Sara Dolley. São tôdas concorrentes ao título de Miss Estado de New Iorque de 1956". Nós, se fôssemos juizes, votaríamos em Miss Peggy Ray. Em quem votaria você, prezado leitor?

As 3 beldades do pé da página não sabemos quem são. O que sabemos é que são 3 **pedaços** de fazer parar o trânsito!



ESCOLA GAL. JOSÉ BALLIVIAN — Aspeto externo do prédio, situado na praça do mesmo nome.

Escolas Indígenas da Bolívia

Texto e fotos de RAUL FLORIANO

O AVIÃO para Cochabamba só deixará La Paz dentro de duas horas. Procuro aproveitar êsse tempo, precioso demais para o turista, e saio de táxi, pelo altiplano, em busca de lhamas no trabalho e casebres de índios, com signos **contra los diablos**.

Os aimaras menos adaptados à civilização concebem de maneira singular a atuação malévola do Diabo. Para êles os diabos são muitos e andam à sôlta, pelo altiplano, sempre dispostos a fazer mal a alguém. Crêem poder espantá-los, colocando na parte mais alta das coberturas de suas casas de zinco, capim e raramente de telhas, um signo que me definiram como o **contra diablos.** Variam muito êsses signos, de casebre para casebre. Todos, porém, apresentam pequena cruz dentro de um círculo de metal ou madeira. Contêm, além disso, flôres e figuras outras, variáveis de acôrdo com a fantasia de cada um ou — quem sabe lá? — de acôrdo com seus ritos religiosos. Êsses grandes amuletos fazem pensar ao turista que o **diablado** vive às soltas na meseta boliviana.

Na praça Gal. José Ballivian detenho-me a examinar de perto um monumento rústico, levantado a êsse herói boliviano, no qual, entre as pedras de cantaria comum se encontra uma com desenhos talhados, que parece trazida de alguma ruina milenar, talvez de Tihauanaco.

Mais além algo me chama a atenção: é uma fila de indiozinhos que entra numa casa de adôbes da vizinhança, um atrás do outro, de avental branco, tendo a fiscalizá-los professoras, quase tôdas tipos bolivianos característicos.

São alunos da Escola Gal. José Ballivian, informaram-me ali, criada, como muitas outras, para a instrução do índio aimara, arredio quase sempre à escola. Algumas crianças deviam ser buscadas, à fôrça e sob ameaças, em casa de seus pais, ciosos de guardar os filhos para o trabalho da lavoura.

Essas crianças, geralmente inteligente, são isoladamente dóceis; rebeldes, porém, em conjunto. Iguaizinhas ao condôr, explicou-me o diretor da Escola, prof. Luiz Murilo Recabado. Essa rebeldia se acentua quando são forçadas a aprender a língua castelhana, que a maioria detesta.

Não só a instrução preocupa os professores das escolas índias: devem também ensinar às crianças, e por tabela aos seus pais, princípios elementares de nutrição. Porque contràriamente aos quéchuas, de Cochabamba e outras partes da Bolívia, os índios aimaras se alimentam mal. Comem **quinua** — certa hortaliça boliviana — fava, batata nobre — nativa no altiplano — e a **hoca** — outro tubérculo do tipo da batata. Raras vêzes comem carne. Quando abatem ovelhas, porcos ou bois de sua criação, vendem a carne e comem apenas os miúdos. Essa deficiência de alimentação prejudica o rendimento de seu trabalho, que não pode comparar-se ao dos quéchuas, afirmaram-me.

Dos quinhentos alunos dessa escola, apenas 275 se haviam matriculado neste início de aulas; os demais 225 deveriam ser trazidos à fôrça.

Louvável essa coação governamental, já que interessa o índio na civilização e prepara os aquinhoados pela Natureza para a realização de seus destinos. Um índio aimara, Franz Tamayo, convenientemente educado, figura hoje, por seus méritos, entre os homens mais ilustres da Bolívia. Advogado, político, pedagogo, escritor e poeta, suas obras se disputam e seu nome desfruta o respeito de tôda gente. Eu soube que, mesmo após notabilizar-se, jamais deixou sua mãe de usar as características vestes índias.

Enquanto anoto êsses informes, que me são fornecidos ali, me recordo de uma confissão autobiográfica, proferida por notável aimara, Tomás Poma, feita há mais de vinte anos, ao ensejo da inauguração da pri-

meira escola indígena da Bolívia, em Warizata, no povoado de Achacachi, proximidades do Titicaca.

Confidenciou, então, o dedicado amigo:

"Vivi muitos anos e assisti a tôdas as misérias que nos tocaram, a nós índios, por herança. Consegui construir, tempos atrás, uma escola para os índios da comunidade. Esse ato, de inspiração sadia e renovadora, foi interpretado como delito inqualificável. Um dia, ao amanhecer, juntamente com outros companheiros, atado à cauda dos cavalos dos guardas, fui levado para um cárcere da capital. Nesse interim, os opressores se encarregavam de consumar impunemente a obra destruidora - o edifício da escola foi demolido. No cadeia, o delegado fêz flagelar-me desapiedadamente e decretou meu encarceramento, que durou três anos. Dali só consegui sair, entregando-lhe o **sayaña** - um pedaço de terra em usufruto herdado de meus antepassados.

E me dispus a prestar serviços a êsse representante da Justiça, que me havia torturado, encarcerado e se apropriara de minhas terras... Estou reduzido hoje à condição de colono, ou seja de escravo. Esta escola - referia-se àquela cuja inauguração assistia, objeto de nossas preocupações e desvelos, pertence aos índios e eu, como o mais velho da região, tomo posse dela em nome de nossos avós".

Foi a primeira escola índia oficial da Bolívia, aquela mesma que constituiu grave caso de polícia, quando um índio a realizou.

Êsse relato choca frontalmente com a existência da escola de La Paz, com a de outra, de Cochabamba, a Escola Esteban Arce, dirigida por D. Margarita Gonzalti de Garrido Cortez, que também visitei, e com tôdas as inúmeras escolas indígenas bolivianas. Êle revela a evolução da mentalidade governamental do país em favor do índio, o verdadeiro senhor da Bolívia.

Entretanto, não se sabe por que, essas escolas não recebem do Govêrno os recursos necessários, nenhum material, um lápis sequer! A essas dificuldades devem-se acrescentar os ínfimos vencimentos das professoras, que não só não as estimulam, como lhes não dão tranquilidade para sua realização vocacional. A professora pública percebe, mais ou menos, quatrocentos e cinqüenta cruzeiros por mês e é obrigada, em alguns lugares, a pagar duzentos e cinqüenta cruzeiros de aluguel de casa. Após vinte ou trinta anos de trabalho ganham não mais de quinhentos cruzeiros. As professoras das escolas rurais não podem pagar o ônibus ou o lotação que as levará diàriamente de casa à escola: recorrem às "caronas" que lhes dão os motoristas dêsses veículos ou de caminhões, como se já não bastasse o desconfôrto dos prédios em que funcionam.

Êsse fato chocante o jornalista o anota na esperança de que a observação faça o Presidente Victor Paz Estenssoro atentar para o problema dolorosamente humano, que lhe cumpre resolver imediatamente, em benefício do país, que parece administrar com sinceridade.

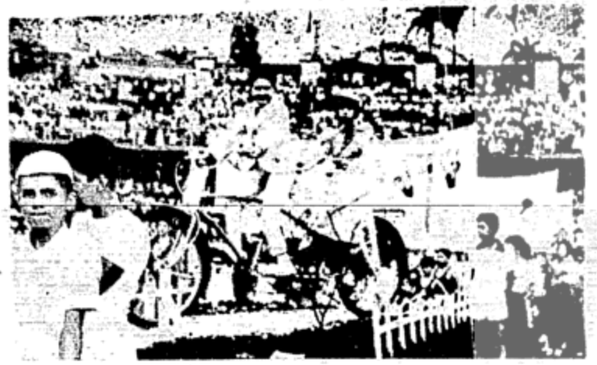
La Paz, (Bolívia), 23-2-56.

Os dedicados diretores e professôres da Escola Gal. José Ballivian: heróis anônimos da recuperação do índio boliviano.

LA PAZ — Alunos e professôres da escola campesina Gal. José Ballivian, situada a 3883 metros de altitude, próxima do Aeroporto.

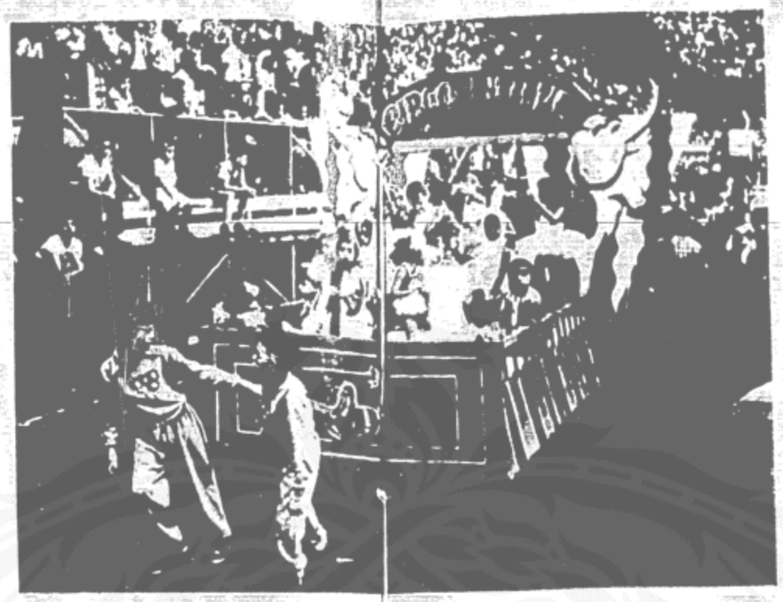
COCHABAMBA: Alunos e professoras da Escola "Esteban Arce", no centro da cidade.

VI Jogos Infantis



"Carro chefe" do Ginásio Brasileiro de Almeida.

Instituto Casemiro de Abreu.



O "Circo Infantil" fez sucesso.

Foi magnífico o espetáculo oferecido ao público que compareceu ao Estádio do Fluminense Futebol Clube, sábado p. p., quando da realização dos VI Jogos Infantis.

Desfilaram, no campo de desportos do clube tricolor, os jovens atletas das mais recentes gerações.

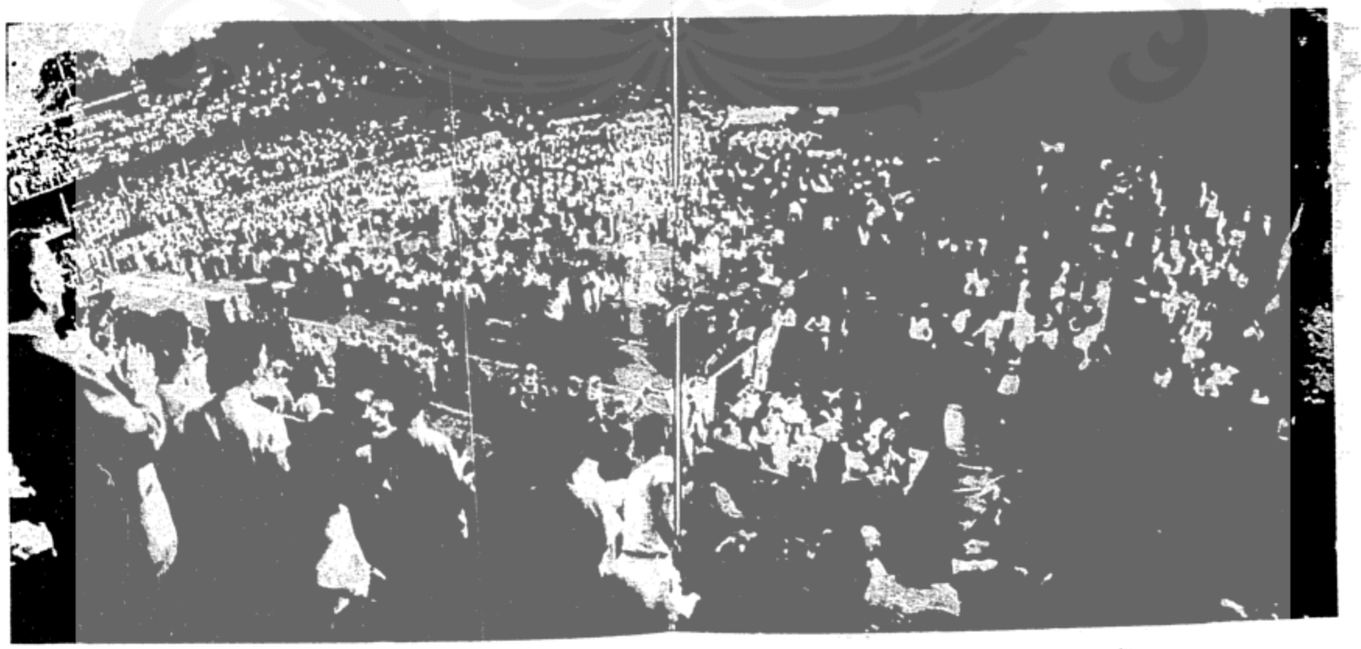
Clubes e colégios desta capital compareceram ante a comissão de julgamento apresentando contingentes de alunos em perfeita ordem e forma.

Na série de colégios foram os seguintes os vencedores: 1.º, Anglo-Americano; 2.º, Educandário Rui Barbosa e 3.º, Ginásio São Francisco. Na série de clubes: 1.º, C. R. do Flamengo; 2.º, Sindicato dos Bancários e 3.º, Atlética Futebol Clube.

Da comissão de frente do Colégio Anglo-Americano fazia parte a Rainha da Primavera, Dayse Aquino Correa.

No Colégio Barão de Lucena quem não foi Netuno foi gato....

Os gatinhos acrobatas do Ginásio São Francisco.



Aspeto geral do Estádio do Fluminense Futebol Clube quando desfilava diante das arquibancadas o "Circo Infantil".

Maria Clarinda Guimarães, do Educandário Rui Barbosa, não sofre de reumatismo...

Conferências e discursos sobre a Língua Portuguesa e sobre a Moderna Literatura Brasileira em Lisboa

NO Centro Nacional de Culturas, e com a presença do Embaixador do Brasil, foi inaugurado um ciclo de conferências sôbre a Moderna Literatura Brasileira. Na primeira sessão foi orador o sr. Miguel do Rio Branco, que teve a seu cargo a introdução às conferências. A primeira série do ciclo continuou até ao dia 28 de Abril, com o seguinte programa: dia 24, "Cecília Meireles", pela sra. D. Sofia de Mello Breyner; dia 25, "Manuel Bandeira", pelo sr. Jorge de Sena; dia 27, "Carlos Drumond de Andrade", pelo sr. Miguel do Rio Branco; dia 28, "Tasso da Silveira", pelo sr. Amandio Cesar.

A segunda série do ciclo efetuar-se-á em Outubro do ano corrente.

Simultâneamente, o Dr. Pedro Calmon, reitor da Universidade do Brasil, proferiu três eloqüentes discursos na Academia das Ciências de Lisbôa, sôbre a Universalidade da Língua Portuguêsa; na Sociedade de Geografia, sôbre Uma Civilização — **a luso-brasileira,** e uma no Salão de Teatro do Palácio Foz.

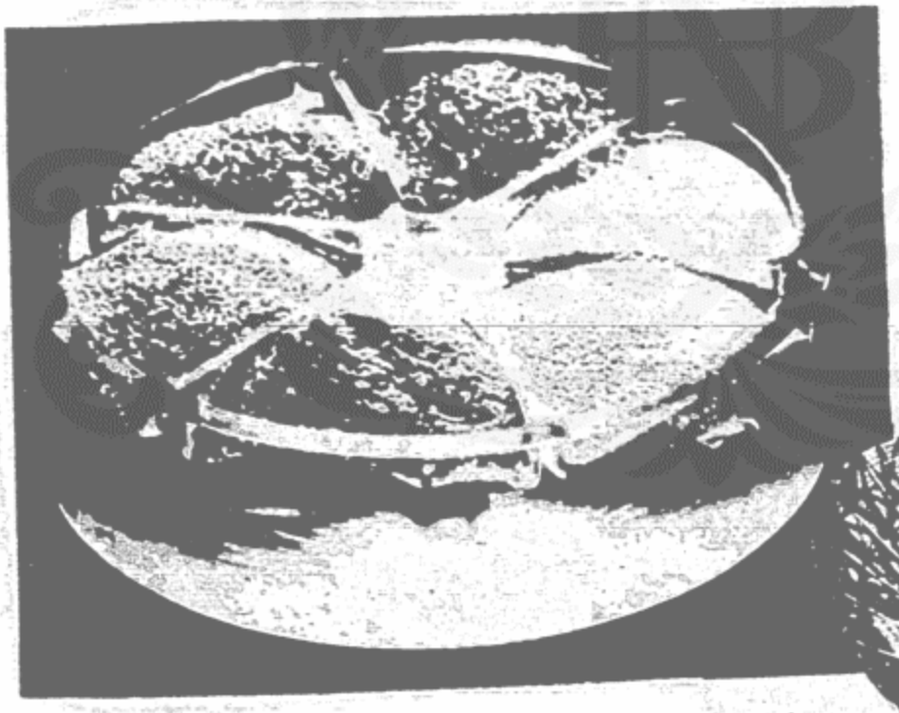
O Ministro Paulo Cunha felicita o Dr. Pedro Calmon

O Dr. Júlio Dantas, Presidente da Academia, enaltece o discurso do Dr. Pedro Calmon.

O Dr. Pedro Calmon, Reitor da Universidade do Brasil, discursando na Academia de Ciências de Lisbôa.

Na assistência, o Dr. Heitor Lyra, Embaixador do Brasil, tendo à direita o M.º brasileiro Dr. Câmara Couto, e à esquerda, o Presidente da Assembléia Nacional, o Ministro dos Negócios Estrangeiros, e o Ministro das Corporações.

Daqui, dali, dacolá...



No ataque levado a têrmo pelos revolucionários cubanos contra a guarnição de Matanzas, mais de dez foram mortos pelos soldados do Exército, soldados que aparecem na fotografia revistando os bolsos das vítimas, à procura de documentos de identificação.

O detetive-literário norte-americano Calvin Hoffman e diversos peritos ingleses abriram uma velha sepultura onde contavam encontrar provas sôbre a hipótese de ser Christopher Marlowe o autor das obras de Shakespeare. O túmulo de Sir Thomas Walsingham, situado em Chiselhurst, não continha os documentos procurados nem os três corpos que deveriam ter sido inhumados ali, mas apenas areia. Os corpos procurados foram provàvelmente enterrados debaixo do assoalho, mas as autoridades inglêsas não consentiram no prosseguimento das pesquizas.

Isso que aparece nesse prato de seis divisões e que poderá parecer ao leitor tratar-se de cereais, é, no entanto, apenas gran-

de quantidade de diamantes artificiais de 100 carates, destinada a fins industriais. Não é difícil calcular a transcendental importância que constitui para os Estados Unidos essa produção.

No Observatório de Harvard (Mass.) encontra-se um radiotelescópio de 18 mts. de diâmetro, que é o maior jamais construído naquele país. Êste gigante pode registrar os "sussurros" de estrêlas situadas a 100.000.000 de anos luz do nosso planeta. Um ano luz equivale à distância que a luz percorre em um ano, à velocidade de 298.000 quilômetros por segundo. O leitor que quiser ficar maluco, tome de um lápis, faça o cálculo e depois avalie o que significam ..... 9.397.728.000.000.000.000.000 quilômetros.

Adil, o vencedor do G. P. São Paulo.

TURFE

Não podia ter sido mais brilhante a tarde desportiva em que foi corrido, na capital bandeirante, o **Grande Prêmio São Paulo**.

Pela segunda vez, na disputa dêsse grande prêmio de um milhão e meio de cruzeiros ao vencedor, saiu vitorioso o cavalo nacional **Adil**, de propriedade dos srs. Almeida Prado e Assumpção, montado pelo jóquei L. B. Gonçalves, sendo seu tratador Manuel Branco.

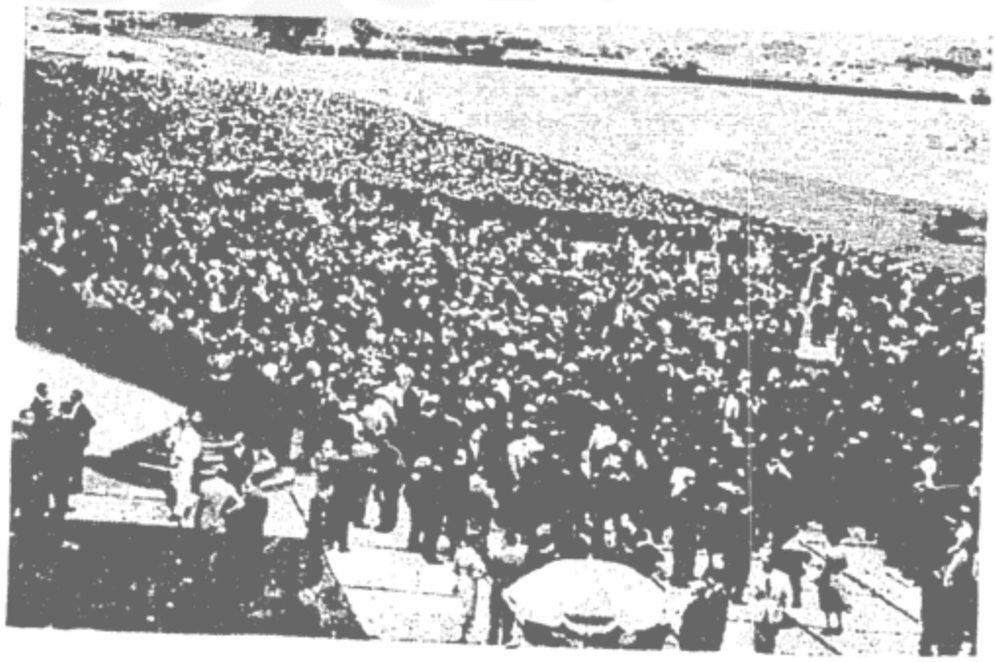
Ganhou Adil desta vez sôbre **Tantan**, cavalo argentino de grande fama, ganhador de diversos grandes prêmios no hipodromo de Palermo.

A disputa da maior prova do turfe paulistano não era aguardada com grande interesse, diante da conhecida ausência de Mangangá e das noticias que, desencontradas, corriam acêrca do estado de Adil, consequentes a contratempo que o valente "crioulo" sofrera em uma das patas.

Inesperadamente, porém, o brioso cavalo recuperou se do acidente sofrido, podendo assim enfrentar o craque argentino Tantan, que era o favorito do páreo.

As peripécias da carreira foram as seguintes: Saida dada em ótimas condições, ocupando, pouco depois **Tantan** a vanguarda, seguido de Venusto, Salomão, Sancy, Canalete, Adil, Leocádia e Snooker nesta ordem. Na altura da milha Adil deu inicio à arrancada que o levou ao segundo posto. Nos 1000 metros o nacional atacou o argentino e em luta vieram até em frente às arquibancadas onde Adil conseguiu livrar um corpo sôbre seu concorrente. Canaleto, desenvolvendo grande velocidade, ficou a três corpos do segundo colocado.

A chegada.



A comparta assistência.

NOVA E ESFUSIANTE APRESENTAÇÃO DA

RÁDIO MAYRINK VEIGA

produzida por
HAROLDO BARBOSA
e SÉRGIO PORTO

'AS 5as feiras das 20,30 em diante

PROGRAMA DO
CREME DENTAL
KOLYNOS
– de ação anti-enzimática!

DIV PRAG

DR. PAULO PÉRISSÉ
Chefe S. Proct. H. Gafrée Guinle.
VARIZES
suas complicações — úlceras, eczemas, inchações, etc.
Hemorroides sem operação
DOENÇAS ANO-RETAIS
Av. Rio Branco, 108-10.º
Sala 1006
EDIFÍCIO MARTINELLI
diariamente das 14 às 18
Fones 28-4531 - 52-0251

ORA GRAÇAS A DEUS...

Ao contrário do que muita gente supõe, não há exagêro da parte dos filmes cinematográficos que retratam a vida no *Far-West* norte-americano, no que concerne as brigas que se travavam — porque agora já não se travam mais — nos bares e botequins daquela região.

Cinqüenta anos atrás era tal como essas peliculas no-lo apresentam: assaltos com tiros e mortes.

Pois não obstante tratar-se de assunto triste e grave, houve quem o aproveitasse para fazer humorismo.

"O *cow-boy*, de aspeto feroz, assomou a cabeça pela porta do bar e com voz de trovão perguntou:

— Há alguém aí que queira brigar ?

Fêz-se no salão completo silêncio. Então o *cow-boy*, mais enèrgicamente, renovou a pergunta.

Apenas um velhote, que sentado numa mesa a um canto tomava um uisque, ousou responder:

— Não, senhor. Aqui não há ninguém que queira brigar.

— Ora graças a Deus, disse o *cow-boy*, posso então entrar sossegadamente. E entrou.

HUMOR BRITÂNICO

Contam que certo humorista, que a julgar pelo que disse devia ser inglês ou norte-americano, afirmou:

— Dêem-me uns sticks *de golfe, ar livre e uma bonita parceira e podem ficar com os* sticks *e o ar livre...*

HOMEM DE SORTE

Condenado a cinqüenta dólares de multa, por haver dado um tabefe na espôsa, Bill Crowson, natural de Reno, no Estado de Nevada, procurou o juiz que lhe havia imposto aquela multa e perguntou-lhe:

— O meritíssimo quando vai às fuças da espôsa também paga essa importância ?

— Não, respondeu o juiz, eu poupo essa despesa. Sou solteiro.

Artilharia de bolso

— Os jornais dizem, coronel, que os turistas estão carregando com a artilharia da república de São Marinho !
— A culpa é sua, rapaz ! Já não lhe disse para, quando terminar o expediente, guardar êsses canhões em sua casa ?!

Farpado

IRONIA E BÔA VONTADE

Segundo certa revista humorística do Oeste norte-americano publicou, o Brasil acaba de pôr em circulação moedas de ouro do valor de dez cruzeiros...

E concluí o semanário ianque:

O Brasil é, portanto, o único país do Mundo onde circula, neste momento, dinheiro em ouro.

Agradecemos, ao colega do hemisfério norte, a ironia ou a bôa vontade...

— ✧ —

VENENO DE EVA

As duas jovens iam ao meu lado, no último banco do lotação. Uma era loura, a outra morena, ambas para lá de bôas...

Conversavam sôbre os pretendentes.

Pergunta a morena:

— Em que pé andam as coisas com o Alberto?

— Muito bem. Ainda na última festa, em casa das Portocarreiros, dançámos a noite tôda. A certa altura declarou-se. Pediu que me casasse com êle e o fizesse feliz.

— E qual das duas coisas é a que tu vais fazer?

✧

MUDANÇA DE HÁBITOS

Maryse Choisy, doutora em filosofia e psicanálise, famosa em tôda a Europa, declarou últimamente numa conferência:

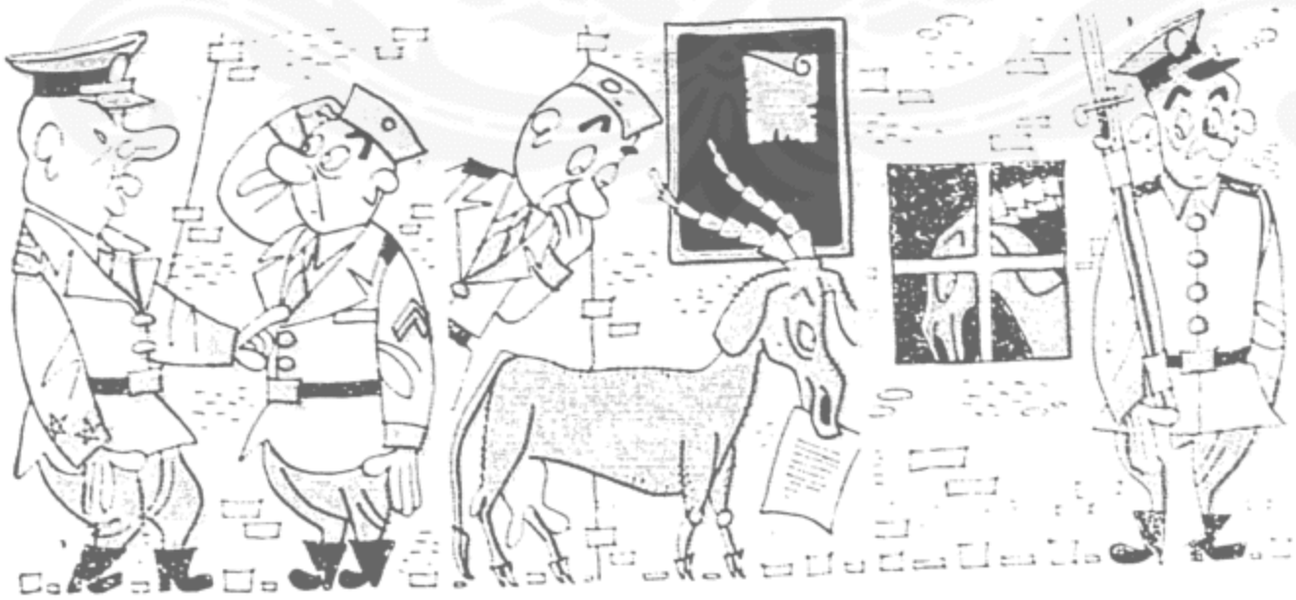
— Outrora, as moças ruborizavam-se quando se envergonhavam. Atualmente, envergonham-se quando se ruborizam.

— ✧ —

✧

O *flirt* é leve e elegante como o jôgo de esgrima... dos olhos. O casamento é uma luta braço a braço, no terreiro.

Ordens são ordens



— Vossa Excelência mandou prender o responsável pelo desaparecimento do edital de convocação, mas o responsável foi... a cabra do regimento!

— E você quer discutir as minhas ordens?!

19-5-1956

Contos e Pontos

UMBERTO PEREGRINO

GOVÊRNO novo, novos aumentos, novos empregos... De fato, é assim: a cada govêrno que se instala, recrudesce a fúria majoradora, é como se uma válvula fôsse sùbitamente aberta e libertasse a ganância mal contida... Todos os interêsses empreendem seu teste, em geral bem sucedido; todos os amigos cobram suas vantagens... E tudo se repete monòtonamente: o Govêrno novo concede aumento de preços, depois aumenta os salários, depois novamente concede aumento de preços...

É, pois, de temer Govêrno novo, que desencadeia os apetites da ganância e trás compromissos a saldar com os que lhe financiaram a ascenção...

Outra infalível desgraça que acompanha o Govêrno novo é o empreguismo. Cada um dos seus Ministros, dos seus Presidentes de Autarquias, dos seus Diretores de Serviço trás volumoso programa... de nomeações; as dos parentes, as dos próprios amigos, as dos amigos dos amigos e as dos recomendados políticos, que serão descompassadamente numerosos se se tratar de Autarquia do Ministério do Trabalho.

Um bom espelho dessa praga que infesta a administração pública é a Prefeitura do Distrito Federal, cujo funcionalismo é notòriamente excessivo, o que não obsta a que cada Prefeito, ainda os provisórios, lhe adicione milhares de novos elementos.

Assim, portanto, entre a onda empreguista e a onda de aumentos gerais se divide sempre o govêrnante nos primeiros tempos da sua adaptação ao Poder... É difícil prever até onde chegaremos nesse andar, até que ponto se dilatarão os preços dos alimentos, do vestuário, das utilidades, dos transportes, da habitação e que proporções atingirá o funcionalismo público, principalmente se o rodízio nas funções governamentais vier a sofrer antecipações imprevistas, a exemplo do que temos experimentado desde Agôsto de 1954...

AO MENOS OS ESTUDANTES

Mas não vamos cogitar disso que é matéria delicada, além de incontrolável... De momento o que nos interessa é o irremediável que já está aí, a começar pelo aumento das passagens dos bondes, que foi concedido na modesta base de 100% !... Pode-se avaliar a felicidade em que se encontram os concessionários dos desmantelados ônibus e dos assassinos "lotações" que ganham bom dinheiro nas ruas desta Capital. De fato, nas águas da *Light* obterão, êles também, nos próximos dias, seus equânimes 100% de majoração ! E já se sabe que nem ao menos o público pagante terá a compensação de pequena melhoria nos serviços. Os bondes continuarão insuficientes, sujos e lerdos, os ônibus precários e impontuais, os "lotações" perigosos e atrevidos, o Departamento de Concessões da Prefeitura continuará complacente e a Diretoria do Trânsito impotente. Além das passagens 100% mais caras, nada, absolutamente nada, se modificará para o povo.

Contudo, há uma coisa que as autoridades ainda poderão fazer, se lhes restar algum ânimo de bem servir e, sobretudo, alguma autoridade para enfrentar a *Light* e suas parceiras na exploração dos transportes urbanos no Rio de Janeiro: é impôr o abatimento de 50% nas passagens dos estudantes. Foi, por exemplo, o que se fêz em Blumenau, depois de um aumento de tarifas concedido aos ônibus urbanos, em 1953. A municipalidade determinou que, entre 6 e 18 horas, os escolares pagariam metade do valor das passagens e, na prática, pude verificar, em trânsito pela encantadora cidade do vale do Itajaí, que assim acontecia sem maiores formalidades nem tropeços.

Aqui a medida deveria ser ainda mais ampla, ao menos no tocante a horários, e seria mister estabelecer a venda de passes estudantis. Não, porém, ao sistema que a *Light* já usa, o qual representa um alto negócio, mas para ela, *Light*, pois o desconto é insignificante e os talões trazem todos os passes datados, de modo que perdem o valor se não são usados no dia certo. Ora, o estudante pode faltar por doença ou outro motivo justo, pode ter feriados e tudo isso só beneficia a vendedora do talão que embolsa com grande antecipação o seu valor total, o qual muitas vêzes não será utilizado. No fim de contas, o desconto insignificante até desaparece, se não reverte em prejuízo.

Sim, o desconto de 50% deve

vir e ter efeito prático, por intermédio de passes cuja validade seja colocada apenas nos limites de cada ano. Assim, dentro do mesmo ano, o estudante destacará à vontade os passes do seu talão e dêle se exigirá apenas que, na ocasião de pagar a passagem exiba o cartão de identidade escolar.

Para os ônibus e "lotações", que são de muitos donos, estabelecer-se-ia um passe único, válido em qualquer Companhia. Com isso dar-se-ia maior comodidade aos estudantes, que poderiam utilizar o primeiro veículo que lhes passasse ao alcance e, quanto às Companhias, promoveriam o resgate dos passes arrecadados junto ao órgão expedidor, que poderia ser a Municipalidade, através da Secretaria de Educação.

Aí fica a sugestão. Que ao menos no tocante à educação dos filhos sejam os pais de família favorecidos contra os povos aumentos dos transportes concedidos pelo Govêrno novo, bem entendido, no Poder, porque velho e revelho nos processos...

OS OCULOS DO DIABO

sanha e Beranger, Pushkin e Sam ceiro, Goethe e Long'ellow, Victor Hugo e Catulo Cearense, Keats e Ugo Foscolo, Runeberg e Whitmann, Shiller e Eugênio de Castro, Musset e Olavo Bilac, Byron e Drackmann, Petrarca e Antero, Oehlenschlager e Carducci, Baudelaire e Vondel, Mallarmé e Antônio Feijó, Leonardo e Swinburne, Ronsard e Winther, Heredia e Sidney Alfredo de Vigny e Gomes Leal, Shelley e Gauthier, Tennyson e João Lúcio, Le comte de Lisle e Campoamor, Rosenhave e Henri de Regnier, Teixeira de Pascoais e Wordsworth, Ruben Dario e Guerra Junqueiro, Pablo Neruda e Bauville, Henri Heine e Cândido Guerreiro, Boccacio e Malherbe, Southey e Gonçalves Crespo, Lope de Vega e Michiewicz, Castro Alves e Espronceda, Lermontof e Bernardo de Passos... Hoje a melancolia invadiu o mundo e tange como uma harpa bíblica a tristeza de Solidão, a penumbra do pessimismo, a saudade não se sabe bem de que. A Noite, silenciosa como um convento de monges, deixa que o mesmo luar que saudou sôbre a casaca de Lamartine e pó azul das regiões quiméricas entorne sôbre os pacatos os perturbantes perfumes do toucador de Vossa Augusta espôsa, o Luar. Êsses perfumes, Majestade, exerceu nos poetas de todos os climas e de tôdas as latitudes uma fascinação doentia.

— Não quereras dizer que êsses desvairados líricos se embriaguem de luar.

— Assim é, meu senhor. O luar é o diagnóstico das melancolias incuráveis que enchem os livros de poemas é a mancenilha da nevrose, da morbidez e da neurastenia, desde a **hora verde** de Verlaine as últimas consequências da filosofia do pessimismo. E esta última, quando posta em verso, transforma o velho bandolim das serenatas na harpa de David. A Terra está cheia de sombras terríveis, como se fôra o pesadelo de uma noite sem fim, e os homens que outrora, para afugentar as mil formas do Mêdo (a Solidão do exílio, a Dúvida do Além, a Morte e outros fantasmas) cantavam a Utopia, fazem hoje elegias ou divinizam o desespêro humano...

Sua Majestade o Sol tomou êsse ar pensativo que não é apenas privilégio dos caixeiros de loja de modas numa tarde de chuva — êsse aspeto de quem cisma vão o saber em que, tão peculiar ao homem que espera às 5 da tarde a mulher que não apareceu às 3 horas. Como se sacudisse o despertar da meditação, entrou no seu coche de topázio.

As estrelas voltavam do grande baile. Sonolenta, **Aldebaran,** tôda de azul, ia deitar-se no seu colchão de nevoeiro, e Procyon, com a leveza de uma borboleta dourada, desaparecia na folhagem misteriosa do grande arvoredo da Madrugada.

O carro do Sol começou a rolar. E a Aurora, com a lanterna de estrela d'Alva numa das mãos, saudou-o de longe.

IGNORÂNCIA

Marily Monroe declarou, em sua última entrevista à imprensa, que voltará a casar-se gostosamente. Mas com um homem simples, sem celebridade alguma. Sem dúvida conserva a lembrança de seu antigo marido, o campeão de *baseball* Joë di Maggio.

Quando um repórter de *Life* perguntou a Joë:

— Qual a sensação que se tem ao casar com uma celebridade?

O campeão respondeu:

— Não sei. Pergunte à minha mulher.

SUPERFIXO
Alisa qualquer cabelo
O CAMPEÃO DOS FIXADORES NÃO É GOMOSO
FINAMENTE PERFUMADO E DE APLICAÇÃO AGRADABILISSIMA
SEIVA DE MUTAMBA
A VIDA DOS CABELOS
O MAIOR PRODUTO DE TODOS OS TEMPOS PARA PRESERVAR O VIGOR E A BELEZA DOS CABELOS
PETRÓLEO · ÓLEO · BRILHANTINA.
LABORATORIO SEIVA DE MUTAMBA - RUA VITOR MEIRELES, 68 — RIO
PELO REEMBOLSO: — (Quantidade mínima) SUPERFIXO — 6 vidros a Cr$ 20,00
PETROLEO SEIVA DE MUTAMBA — 6 vidros a Cr$ 35,00

A piada do ladrão

— Roubaram o automóvel do delegado, estacionado em frente ao distrito policial!
— Será fácil procurar no fichário dos ladrões audaciosos...
— Audaciosos, não, humoristas...

OS VAM

EM nota à sua tradução das *Sátiras* de Horácio escrevia, no primeiro quartel do século passado, Antônio Luiz de Seabra:

"A epidemia que grassava, quase geralmente, entre os Romanos, nos tempos em que escrevia o poeta, era a mesma de que hoje vemos atacados os principais Estados da Europa, uma sêde insaciável de riquezas. Roma se tinha arrogado o império de quase todo o mundo então conhecido. Na época em que Horácio escreveu a Sátira I, estava a imensa República dividida entre dois cabeças, Cesar Otaviano e Marco Antônio: cada cidadão havia optado por um dos dois bandos: milhares de outros, seduzidos pelo seu exemplo, procuravam igualmente enriquecer-se; ninguém queria ficar atrás; cada um, pelo contrário, se esforçava por alcançar os mais avantajados. Êste furor passou, em breve, das primeiras às últimas classes; e em pouco tempo o antigo caráter de grandeza e desinteresse, que distinguia os romanos, foi visto ceder o passo a essa cobiça insaciável que Horácio combate em tôdas as suas obras" etc.

Bem dizia o autor do *Jardim de Epicuro* que a humanidade não muda. O passar dos séculos não desgasta nem melhora a alma humana. Quem, ao contemplar o quadro com vivas côres pintado pelo poeta português, não será imediatamente levado ao cotejo com os dias de hoje, nesta terra em que a fome do dinheiro, conseguido seja lá como fôr, chegou ao paroxismo?

A fome, que leva o negociante *marginal* a contrabandear um automóvel de luxo, é a mesma que faz o peixeiro vender por setenta cruzeiros a tainha podre, preta de moscas.

AS MAIS CURIOSAS NOTÍCIAS

Washington — O sr. Morris Cotton, senador pelo New Hampshire, recebeu de uma jovem estudante — que se declarara sua "fervente admiradora" — carta, na qual, após ter dito que tôdas as suas amigas colecionam retratos de "astros" do cinema, explicou que deseja mostrar-se original e por isso lhe pedia que enviasse para ela fotografias de doze de seus colegas. Queria, no entanto, que escolhesse

PIROS

Fazer dinheiro ! De um modo ou de outro, ajuntar moeda grossa ! Porque quem não tiver dinheiro grosso estará perdido na trituradora ditadura econômica em que estamos metidos.

Fazer dinheiro ! honestamente, se puder, mas fazer dinheiro ! como aconselhava o outro ao filho, prática e pragmaticamente.

E, como cada vez mais escassos se tornam os meios de o ganhar honestamente, o recurso é avançar mesmo, pulando tropeços morais, e daí desfalques, subornos, patifarias de tôda ordem, a começar pelas do govêrno, que imprime à vontade, torrencialmente, dinheiro falso.

Há o que vende a pátria com a bandeira nacional agitada na mão esquerda enquanto com a direita recebe os trinta dinheiros de Judas. Há o que vende por mil ao paroquiano faminto o peixe, o repolho, o quer que seja que lhe custou dez.

Bem. Não vou enumerar aqui tôdas as roubalheiras que se praticam neste país anarquizado. Quem quiser sabê-las tôdas basta se dar o trabalho de ler jornais.

Agora mesmo leio, de escandalizado articulista, que o lider do govêrno meteu o pimpolho de vinte anos, bisonho bacharel recém-formado, como advogado da confessadamente rebentadissima Prefeitura do Rio, com o ordenadinho, para começar, de trinta e nove mil cruzeiros !

Ab uno disce omnes. Por êsse avaliará o leitor o que anda aí pelos subterrâneos da política e da administração. E o melhor é que o político que conseguiu realizar essa malandragem, amanhã virá pregar moral da tribuna da Câmara, a êste povo besta, que ainda lhe dará votos na primeira eleição.

Z.

com muito cuidado, embora não houvesse no Senado "rapazes bacanas", os que apresentassem "traços de homens fatais", deixando de lado os "velhos basbaques e ridículos".

Londres Patrick Huggins, aluno da Escola de Arquitetura, foi condenado a uma libra esterlina de multa por ter lançado uma bola de neve num policia "com risco de ferir pessoas que passavam em Kensington Court."

CONCEITOS E PRECONCEITOS

O tédio é o óleo lubrificante do espírito. De quando em quando serve para dissolver a ferrugem das emoções...

As mulheres gostam do automóvel porque... êle passa depressa. Por isso mesmo devemos amá-las a 200 quilômetros, à hora...

Um bêbedo é um homem que perdeu o sentido da direção. Mais nada. Condená-lo por isso é o mesmo que condenar o surdo porque perdeu o sentido do som e o mudo porque perdeu o da palavra...

Com ÓLEO DE LIMA penteado Êle vive sempre encostado...

Faça como o rapaz que sabe viver... use tambem ÓLEO DE LIMA, que é produto cientificamente preparado, sem goma nem gordura. ÓLEO DE LIMA amacia os cabelos sem empastar, facilitando o penteado.

ÓLEO DE LIMA

"Salvadores da Pátria"

CREIO bem que quando um militar se dispõe a derrubar, com um golpe de fôrça, um govêrno civil, não o faz espontaneamente, mas levado pelas insinuações de civis que outro jeito não vêem de realizar suas ambições e procuram tirar a sardinha com a mão do gato, como na fábula.

Esses militares, no cometer tão grave crime, iludem-se com as maquinações dos Iagos da política e não vêem que atiram sôbre si todo o odioso do gesto, ao passo que os proveitos ficam para os ambiciosos que a tal gesto os arrastaram.

Há casos, no entanto, em que o homem de farda ficou surdo ao canto das sereias — e cumpriu seu dever. Temos, por exemplo, o do general francês Roget com Deroulède.

Paul Deroulède foi, em fins do século passado um agitador nacionalista que vivia a trocar bengaladas e a amassar cartolas dos adversários em *bagarres* a que nunca faltaram os desordeiros amigos de quebrar coisas. Foi um propagandista da revancha contra a Alemanha de 70, dizia-se amigo do Exército e no caso Dreyfus foi, como quase todos os militares, contrário ao desterrado para a ilha do Diabo.

Pois êsse homem terrível pretendeu um dia, com o auxílio de um general e de dois batalhões, mudar o regime do seu país.

Foi no dia do enterramento do presidente Félix Faure, 23 de fevereiro de 1899. Deroulède meteu-se no cortejo fúnebre, a que convocara, de tôda a França, os patriotas da sua Liga.

Sem ter em consideração a impropriedade do momento, Deroulède resolveu agir e de maneira imprudente, leviana. Ao passar, no desfile, o general Roget à frente do 4.º e do 82º, o agitador a êle se dirigiu, acompanhado do seu pouco numeroso bando. Ia o militar, com seus dois batalhões, recolher-se à caserna de Reuilly.

— Para êsse lado não, general! gritou-lhe o

DITADURA!

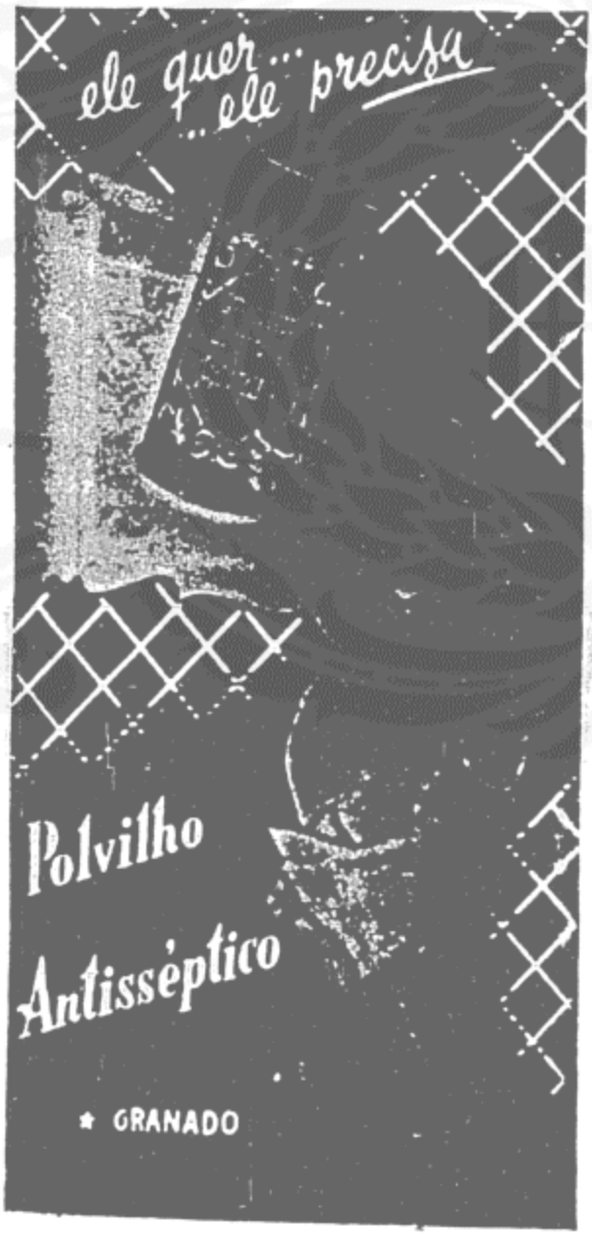
Vocês a quiseram, vocês a terão. A coisa pode demorar, mas virá: teremos de novo a ditadura. O Brasil está grávido do seu autocrata.

Há muita gente *torcendo* por ela. Todos os salafrários, os gatunos, os "tubarões", os cavalheiros de indústria, os advogados administrativos, para quem ela será o Paraiso.

E *torcem* também os ingênuos, os babaquaras que são incapazes de dizer por que pedem um govêrno *forte*.

Torcem enfim os fascistas, de que o país anda cheio, essa gente de marcha-a-ré, as viuvas de Hitler e Mussolini, os *conservadores* que querem conservar suas mamatas, os integralistas em cujo número se contam muitos componentes do clero, adeptos ostensivos do Sigma e de tudo o que êle implica.

Êsse movimento retrógrado, essa aspiração a sepulcros, êsse ideal de escravos, de gente moral e



agitador, agarrando as rédeas do cavalo de Roget. Vamos para o Eliseu!

O Eliseu era o palácio em que se achava o novo presidente, Émile Laubet.

— Afastem-se! pediu o general, empinando o cavalo. E gritou à tropa: Para o quartel!

Deroulède não desistiu. Continuou a marchar ao lado do cavalo do comandante.

Entretanto seus comandados da Liga dos Patriotas misturaram-se com os soldados, dando-lhes o braço. A multidão, supondo tratar-se de simples ato de cordialidade, mete-se no meio, oferece-se cigarros e flôres aos soldados. Há um minuto de confusão. Gritam todos: "Viva o Exército!"

Mas o regimento aproxima-se do quartel. Deroulède supõe que, catequizado, o general vai ao assalto do Poder. Nada. O militar manda tocar a música e acelerar o passo. Chegado ao portão do quartel, entra com sua tropa, com Paul Deroulède, Marcel Habert e o bando de *ligueurs* que se misturára aos soldados. Em seguida manda cruzar baionetas para conter os invasores, expulsa os civis da praça de guerra. Os que não cederam logo à ordem são empurrados com rudeza.

Com Paul Deroulède o tratamento foi outro. Teve ordem de prisão. Quatro soldados, de baioneta calada conduziram-no ao salão de honra do regimento, onde êle foi guardado à vista.

Dêsse quartel Deroulède escreveu um bilhete à irmã, contando o que se passára e declarando "que tinha tentado salvar a República..."

E ficou essa noite no quartel, à espera de decisão sôbre sua sorte.

E assim acabou a aventura de mais um salvador da pátria...

---

fisicamente sem espinha dorsal é, no Brasil, um fenômeno curioso. Curioso por se seguir a uma longa ditadura em que vimos as coisas mais ignóbeis, mais repulsivas, lama em que, com tanto gáudio, se banharam tantas almas porcinas e com gáudio maior engordaram. A ditadura Vargas, aquêle regime obsceno!

Pois tudo indica que a ela voltaremos, para o emporcalhamento de uma bandeira a que se faz tanta continência, com hino e marcha batida! Porque não há fugir: quando se enlameia uma nação, suja-se a bandeira que é seu símbolo.

Nada adiantam a discurseira lírica de parlamentares, os artigos indignados dos jornais da oposição. A coisa virá.

Virá, porque os adeptos da ditadura querem um regime de liberdade: a liberdade de saquear o pouco que resta de um país muitas vêzes saqueado.

As leis que temos para tolher-lhes o passo os andam incomodando...

Zeferino

Tônico dos velhos,
moços e crianças

A Batalha de Studzianka

RODOLFO e Marcelo, no quarto capitulo de "Cenas da Vida Boêmia, de Henri Murger, encontram certas dificuldades orçamentárias para organizar uma recepção na sua mansarda. No mínimo faltavam quinze francos.

— Há quanto tempo — pergunta o poeta — não ouço a história da batalha de Studzianka?

— Há quase dois meses, — responde o pintor.

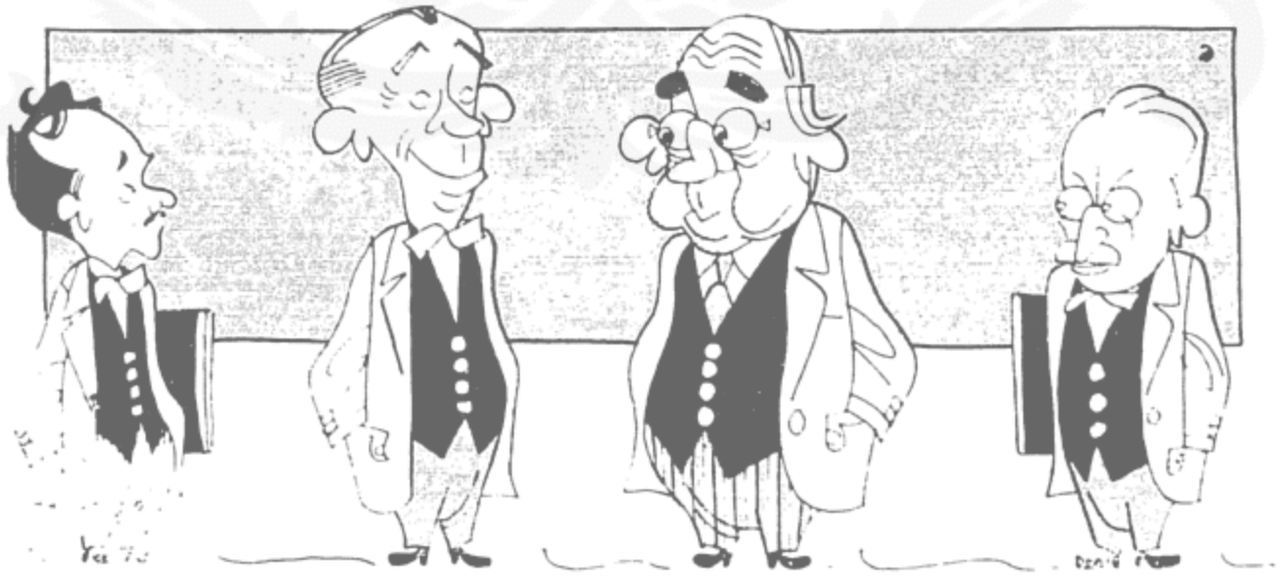
— Dois meses, então? diz Rodolfo. — Muito bem, é prazo razoável. Meu tio não há de ter razões para queixar-se. Amanhã pedirei que me fale da batalha de Studzianka e ganharei cinqüenta francos.

Há certas pessoas que passam a vida a cantar a batalha de Studzianka. Aqueles que o fazem por dever profissional merecem desculpa, diria mesmo admiração: no fundo, qualquer coisa que façamos não passa de uma história da batalha de Studzianka: o dermatologista ilustre, que exige o pagamento da consulta adiantado para receitar uma pomada para uma psoriasis, que nunca curará alguém, está no direito de fazê-lo; o psicanalista, que explica à sua cliente rica que a casca de banana que pisou, quando ainda era criança, na escadaria da catedral, é a verdadeira causa de sua crise de ateismo, do seu desejo de entrar para um convento religioso ou de casar-se com um monsenhor da Cúria, nada mais faz do que repetir, a seu modo, a eterna canção dos psicanalistas, estranhos médicos a quem, depois de tudo, devemos mostrar-nos agradecidos porque nos vendem palavras, como os seus colegas, mas com a diferença de que não nos obrigam a engolir remédios nem nos receitam injeções que, na grande maioria dos casos, terminam em abcesso. Os comentáristas de Dante ou de Cervantes, aqueles "que pesam ovos de mosca numa balança feita de teia de aranha", como Voltaire chamava a certos estudiosos da metafísica, merecem o nosso perdão se com as suas conferências ou as suas monografias estão procurando apenas o sustento das familias. Mas aqueles que contam a fábula do lobo até o infinito mereceriam um processo policial como perturbadores da tranqüilidade pública.

Desgraçadamente, vivem sem que ninguém os moleste. A sua verbosidade é uma enfermidade que não impõe o isolamento imediato, como a difteria e a hidrofobia. Continuam a roubar o tempo aos outros, açambarcando as linhas telefônicas, despojando florestas para extrair a celulose em que escrevem as suas intermináveis cartas, exasperando os nossos nervos com a tortura chinesa de sua monótona repetição.

Uma remota lembrança minha, dos tempos escolares, poderia ser tema de um relato filosófico. Estava no colégio, numa triste cidade italiana a que reconheço o único mérito de encontrar-se junto à estrada de ferro que, vários anos depois, como reabilitação da cidade e minha, me levou até o Sol e os perfumes da Costa Azul. Era um colégio para re-

Terceira fôrça



Nereu — Pela primeira vez conseguimos reunir maioria e minoria em tôrno de uma mesma idéia!

J. K. — E, mas não chegou. Faltou o generalote...

provados, onde num ano se faziam dois para recuperar o tempo perdido e para condensar a desprezada sapiência e absorvê-la de forma precária para passar nos exames. Na minha classe havia dois rapazes, ambos inteligentes, mas de maneira distinta de inteligência. Um dêles sabia bem o latim, mas tinha a mania da bicicleta. Não sei se tivera alguma vez uma bicicleta, mesmo alugada. O fato é que falava sempre de ciclismo e de ciclistas, de modelos de pneumáticos, de guidons voltados para a frente ou voltados para trás. Contava, no princípio do ano escolar, seu projeto de escrever um manual sôbre ciclismo, e ao meio do ano estava convencido de tê-lo escrito; ao aproximarem-se os exames estava firmemente convencido de que já o havia publicado. Todos zombavam dêle, até os desportistas. A única pessoa que o tolerava era aquêle outro. Creio que se chamava Ottino. Chegou o dia da prova final escrita de latim. Ottino não sabia uma palavra e nem sabia onde conseguir um vocabulário, mas o ciclista prometera passar-lhe a prova para que êle a copiasse. E assim foi. O ciclista, como recompensa pela paciência com que Ottino suportara suas palestras sôbre as virtudes de Giradengo (creio que assim se chamava o campeão de ciclismo daquele tempo) e sôbre o coeficiente de resistência das câmaras de ar cheias, segundo certa fórmula matemática, salvou-o da reprovação em latim, que, por ser a terceira, seria irreparável. Quando Ottino se viu seguro da aprovação, voltou-se para o ciclista e deu-lhe duas formidáveis bofetadas.

Sua atitude foi criticada por todos. Os mais indulgentes e os menos psicólogos interpretaram-na como um acesso de loucura. E não compreenderam que aquêle duplo gesto enérgico e inteligente era a condensação de nove meses de batalha de Studzianka, atirada contra os seus pobres nervos, para poder um dia tirar um pobre seis em latim, como os cinqüenta francos de Rodolfo.

Conheci, em Paris, uma senhora que enganava o marido. Não creio cometer indiscreção com estas palavras e espero que não seja identificável.

— Como aconteceu a primeira vez? — perguntei-lhe.

— Meu marido entrou na guerra de 1914-18.

— Isso parece-me digno de prêmio e de encômio! — observei.

— Certa vez, êle teve a oportunidade de falar com o marechal Joffre.

— Isso é uma honra. Não terá ocorrido a todos os soldoados poder falar com o vencedor da primeira batalha do Marne.

— Compadeço-me — disse a senhora — das mulheres de soldados que falaram com o marechal Joffre. Se todos são como o meu marido, que me contou isso setecentas vêzes, as suas mulheres teriam procedido como eu. Quando chegámos a setecentas e uma, enganei-o com um reformado, desertor e anti-militarista.

Não há muito, foi condenada em Marselha, a leve pena, uma mulher que, numa crise de cólera, arremessou uma garrafa de vermute à cabeça do marido. A acusada disse ao juiz:

— Meu marido esteve no cárcere por motivos políticos e saiu livre. Desde o dia em que voltou para casa, não fêz outra coisa senão falar de sua cela; como o tratavam na prisão de Fresnes e na Santé; dos companheiros; dos guardas carcereiros e do diretor; dos alemães e dos franceses; dos colaboracionistas e dos outros; do frio que fazia no Inverno e do calor no Verão. Eu defendia-me com tímidos "já sei", com suplicantes "já me contaste"... Mas êle encontrava todos os dias, na memória ou na fantasia, um pormenor esquecido, uma frase a que não havia dado bastante calor, um rasgo que merecia ser acentuado... Queria que eu soubesse de tudo, lugares, dias, horas, minutos, palavras, documentos, golpes de cena e imprevistos. Qualquer outro homem, a mais faladeira das mulheres, ter-se-ia calado um dia, ter-se-ia cansado das suas próprias palavras. Supliquei-lhe que mudasse de assunto. Mudava de assunto, mas todas as conversações terminavam, fatalmente, com a sua vida de prisioneiro político e de mártir da política e da liberdade. Uma noite, olhando uma garrafa de vermute, disse: "Ah!, se na cadeia tivéssemos uma garrafa dêste vermute para levantar o ânimo..."

A acusada fêz uma pausa e logo concluiu:

— Senhores juizes, sabem já o que fiz com a garrafa!

O Tribunal mostrou-se de indulgência exemplar com a mulher...

19-5-1956

O homem que provou que são falsos os ditados

É muito raro poder sentir-se o cheiro do ferro em uma grande cidade. Foi, pois, um regalo para os habitantes de Washington o que ocorreu há alguns anos. Jim Moran colocou monte enorme de ferro, autêntico, num dos principais quarteirões da cidade. Em seguida, o secretário da Câmara das Profissões introduziu solenemente no monte uma agulha. Jim Moran pôs-se então, realmente, "a procurar agulha em palheiro" e... encontrou-a depois de oitenta e duas horas e trinta minutos, exatamente.

Esse recorde permanece firme, mas se alguém tentar batê-lo, o maior beneficiado será sem dúvida o mesmo Jim Moran, porque êle saberá tirar proveito do barulho que se fizer em tôrno do caso, como fêz em numerosas "performances" do mesmo gênero, que lhe permitiram fazer verdadeira fortuna em publicidade, coisa tão importante na América do Norte, que o advento de uma idéia nova pode valer tanto quanto a descoberta de um poço de petróleo ou de uma mina de urânio.

Jim Moran baseia suas campanhas de publicidade na refutação de ditados e fórmulas consagradas, o que o levou, por exemplo, a desmentir certo dia, em carne e ôsso, o clássico "macaco numa loja de louças." A loja escolhida foi uma das mais luxuosas de Nova Iorque, onde, aliás, o macaco fêz menos estragos do que os fregueses habituais.

A mais sensacional façanha de Jim Moran foi, provàvelmente, memorável espedição ao Alasca, financiada pela Associação Nacional americana de fabricantes de gêlo. Após ter conseguido vender uma geladeira a um esquimó, Jim Moran levou para os Estados Unidos duas pulgas "polares" e cem quilos de gêlo da geleira Mendenhall. As pulgas foram compradas pela Paramount por 750 dólares e foram "filmadas" com Claudette Colbert! Quanto ao gêlo, uma parte foi comprada pelo agente de imprensa de Dorothy Lamour, que fêz com que a "estrela" fôsse fotografada com um pedaço da geleira famosa sôbre o rosto, para a publicidade de um instituto de beleza. O resto serviu a uma campanha de distribuição de gêlo, que o expôs com um cartaz, proclamando: "Êste gêlo foi feito pela Natureza há 100.000 anos. A análise provou que o nosso é ainda mais puro."

Entre os "golpes" de Jim Moran cita-se o "trust" dos tetos de tôdas as barbearias do Texas, nos quais se via imenso espaço publicitário, representando um "baleinarium", no qual nadava enorme baleia, cujos flancos foram alugados a metro quadrado a emprêsas de publicidade. Jim Moran tornou-se, dêsse modo, o magnata da propaganda nos Estados Unidos.

✧

Retalhos

CONTINUO a catalogar os escorregões de plumitivos. Em editorial de ... rioca encontro esta estranha conjugação do verbo sobreestar (ou sobrestar): diz o redator. "ser possível que alguém *sobrestasse* a providência", como se tal verbo não seguisse o paradigma de "estar".

Isso, em jornal. Em livro, topo com duas expressões de Henri Clouard, tradutor de *O asno de ouro*, de Apuleu: "*nous, qui veillons avec vigilance*", uma redundância tão redundante como "*rassemble l'assemblée.*"

Era tão fácil evitar isso!

— ✧ —

Será mesmo canhota a Justiça? A menos que fôsse ambidextra, eu sempre a supus lavrando suas imparciais sentenças ... vista, universalmente tida por mais hábil e pronta.

Apuleu, no citado *Asno de ouro*, desfaz essa ilusão. Descrevendo um cortejo religioso em homenagem a Diana, apresenta-nos êle um sacerdote erguendo no ar o emblema da Justiça: "u'a mão esquerda bem aberta" e explica ser aquêle "o símbolo mais côngruo para representar uma instituição de natural preguiçosa, lenta e inábil"...

Opiniões...

— ✧ —

Conta-se mais uma de Bernard Shaw. "O teatro, declarou certa vez, é coisa bem triste. E explicou: Ésquilo já morreu, Shakespeare também... e eu não me estou sentindo lá muito bem..."

— ✧ —

Em reportagem um tanto indiscreta, sob o título: "Por que são os Americanas detestados hoje em todo o mundo" faz a revista *Paris-Match* curiosas revelações.

Uma: a quase unanimidade dos povos asiáticos está convencida de que se os norte-americanos lançaram a bomba atômica sôbre Hiroschima, e não sôbre uma cidade alemã, foi porque os japonêses são asiáticos e não pertencem à raça branca.

Como vêem, uma coisa grave: racismo...

Outra revelação: a de que "a abundância é hoje coisa universal" e de que, graças ao fornecimento de colossais partidas de mantimentos feito pelos Estados Unidos "a Alemanha de hoje nada em prosperidade".

E enquanto os alemães estão nadando em vagalhões de víveres, nós, que não somos nem fomos adversários dos Estados Unidos, hoje cognominados o país Papai Noel) continuamos a nadar... em sêco.

— ✧ —

A citada revista entra em detalhes sôbre o que ela chama os "donativos colossais" dos americanos. São fortunas de cifras astronômicas, da ordem de cinqüenta e dois bilhões de dólares, distribuidos desde o final da guerra a países que, recuperados já, continuam a receber essa dinheirama, coletada aliás a particulares americanos, muitos dêles simples operários. Em víveres, os donativos também são da ordem de bilhões: a França, país agrícola, continua a receber cêrca de quatro milhões de quilos; a Itália, sessenta milhões de quilos; e a tal Alemanha, que nada em prosperidade, trinta milhões de quilos de gêneros.

Comentário da revista: êsses donativos são dignos de causar, num europeu orgulhoso de sua pátria, enorme constrangimento. Realmente a coisa tem tudo de esmola...

— ✧ —

Quanto papel e tinta gasto pela imprensa, que enorme dispêndio de saliva em discurseiras no Parlamento a propósito do *veto* oposto pelo general ministro ao projeto da emenda parlamentarista!

Eu sou solidário com o ministro, não levado pelos mesmos mesquinhos motivos de quem, simples secretário do Presidente, se arroga o direito de dar palpite contra, firmado apenas na durindana que lhe pende do flanco. Absolutamente não creio que o exercício se cerceie com altas razões políticas. O que o leva a isso é simples política...

O pensamento que nos bota do mesmo lado da trincheira, ombro a ombro, é outro. É a consideração pura e simples de que não vale a pena.

Nada adianta a mudança do regime: desde que os homens continuam os mesmos e o povo o mesmo, qualquer regime serve ou, melhor, nenhum regime presta.

A *bagunça* continuará e quem fôr vivo há-de ver!

Lemoine

✧

JOSEFINA DEU UM GOLPE ERRADO

Josefina, linda carioca abandonou sua profissão de modista e modêlo para tornar-se senhora de alto bordo... Pensou que as estações termais eram mais favoráveis do que o Rio à pesca do homem abastado dos seus sonhos, do fino cavalheiro disposto galantemente a abrir seu coração e, sobretudo, sua bôlsa à linda jovem e partiu para São Lourenço.

Sedutora morena, de olhos de água-marinha, Josefina encontrou ràpidamente o homem ideal na pessoa do comendador R... sexagenário elegante, embora bem desgastado...

O comendador contemplou, através do monóculo entalado no ôlho, a encantadora Josefina e, depois de dois ou três encontros, declarou-lhe:

— Você é maravilhosa e se aceita tornar-se minha amazonazinha, porei a seus pés a minha fortuna.

...

Com ingenuidade, pois não tinha nenhuma informação do comendador, Josefina aceitou a situação de comendadora *ou parecidas* de qualquer modo... mas impôs uma condição:

— Pois lhe disse ela antes de nossa primeira noite de amor cínico, ofereço-me em lembrança do início de nosso romance.

— Nada mais justo... Quanto quer você, minha doce morena?

Louca de alegria, os algarismos começaram a dançar na sua mente e ela arriscou:

— Cem contos!

O abastado, galante e gasto D. Juan retirou do bolso o talão de cheques, arrancou uma folha e pouco depois deu-a à moça, que naquela mesma noite entregou-se a êle de corpo e alma.

No dia seguinte Josefina, com o coração aos pulos, foi descontar o cheque.

Oh a decepção!... O cheque não tinha fundos... Ela queixou-se às autoridades mas o emitente havia desaparecido sem deixar rasto... E assim começou e terminou a carreira galante da ex-modista...

O cão que fala

SE bem tivesse a frescura rósea das suas dezenove primaveras, uma graciosa touca de noite e uma camisa vaporosa, Fauchette acordou de mau humor e começou logo a esbravejar por causa do pequeno almôço que lhe trazia a fiel Romaine.

— Isto é chocolate? — perguntou ela, com modo entroviscado — Já lhe disse cem vêzes que o quero forte e quente, sua estúpida! E' como se eu falasse para as paredes! E quanto à manteiga, só de cheirá-la tenho vontade de vomitar. Ouve-me? sua cabeça de burro! A manteiga que me traz é da côr do chocolate e o chocolate da côr da manteiga. Arre! Estou farta e a minha vontade era atirar-lhe com tudo isto encima!

— Megera! — retorquiu a criada, que era muito familiar. Nunca ninguém desafiou Fauchette que ficasse sem resposta. Mal Romaine acabara de desabafar, recebia na cara o conteúdo da chicara, lançado por mão certeira. O cãozinho Moco, que rosnava debaixo da roupa, pôs-se a ladrar. Fauchette, temendo represálias, saltou para fora da cama a fim de se refugiar na salinha de "toilette", onde se barricou. Romaine, muito pálida, enxugou-se com o avental.

— Se o chocolate estivesse um pouco mais quente, ter-me-ia queimado — disse ela.

Nesse instante o senhor Léon Gratuleux, que estivera fingindo que dormia para não se meter na questão, deitou a cabeça respeitável de fora, com calma e compostura burguesa, que não condiziam com as rendinhas do travesseiro, e murmurou:

— Que aconteceu?

— Aconteceu — vociferou Romaine, que estou farta e que me vou embora imediatamente, sem esperar que me dêem os meus oito dias de aviso. O senhor faz-me as contas e paga; a senhora deve-me cento e setenta francos, pouco mais ou menos. Não sei ainda se vou fazer queixa; preciso que um médico verifique se não sofri nenhuma lesão. Vou à cozinha buscar o meu livrinho.

O sr. Gratuleux correu à porta do "toilette".

— Fauchette! A Romaine vai-se embora. Está dizendo que tu lhe deves dinheiro; ameaça-nos com a Justiça...

— Dá-lhe duzentos francos, para que não se vá queixar — exclamou Fauchette aterrada — Não quero nem vê-la!

Romaine voltou sem avental, que lhe dava importância. Guardou os 200 francos e só se dignou dizer adeus ao cãozinho Moco, que rosnava surdamente atrás das suas saias, tomando partido da sua dona, na questão.

— Adeus — disse ela — não te queno mal; não passas de um animal, por isso mesmo, se tu pudesses falar, é que era o bom e o bonito, não é verdade, Moco?

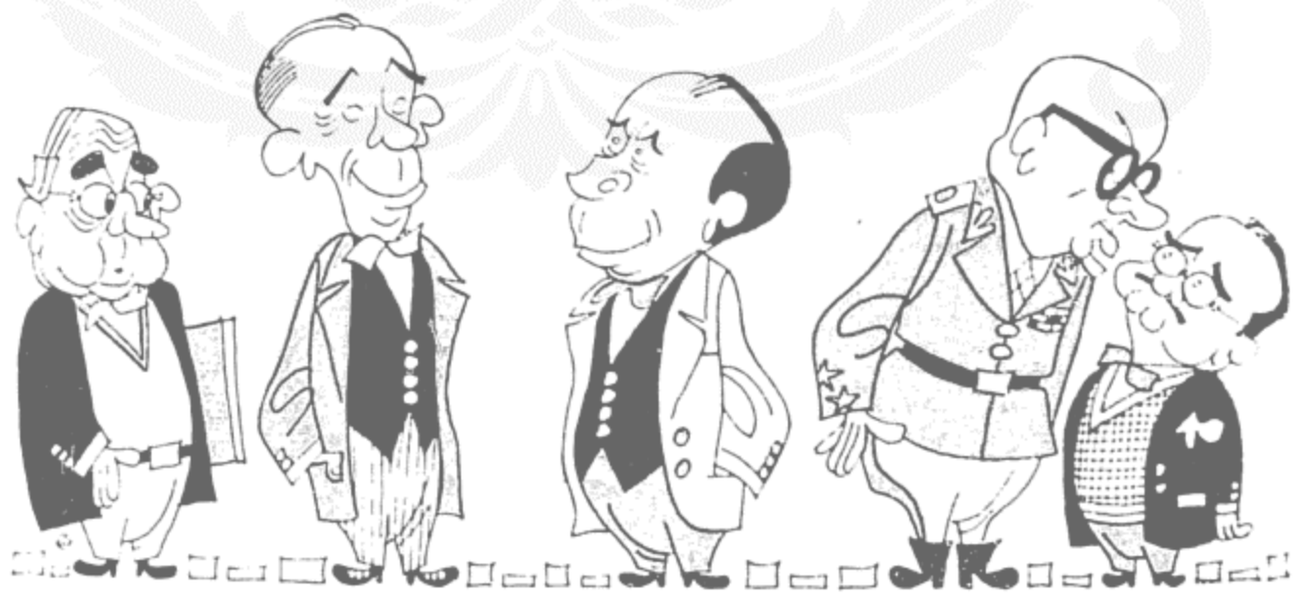
O sr. Gratuleux tinha calçado as pantufas e vestido as calças. Segurou Romaine pelo braço e murmurou-lhe:

— Mas você pode falar... Dou-lhe uma bôa gorjeta...

— Julga que eu sou dessas! Para que todos saibam e não possa arranjar lugar em casa de qualquer senhora só! Mas o que lhe asseguro é que se Moco pudesse falar, tinha muito que contar... Viva o bela companhia!...

O sr Gratuleux caiu em sombria meditação. Embora não tivesse nenhum cabelo, suas sobrancelhas, muito espessas, juntaram-se, o que é, segundo dizem, sinal de temperamento ciumento... Porque a tinha encontrado na Rua de la Paix, com uma caixa de chapéus e usando sapatos muito usados, êle mantinha a idéia que Fauchette era sempre uma aprendiz. Grave êrro que a humilde serva viera despertar.

Dr. Sabe Tudo



J.K. — Já ouviu o Lott sôbre a reforma cambial?
Alkmin — Êle está muito ocupado, ensinando ao Parsifal o que vem a ser sindicalismo...

Chamou Moco, que estava a lamber os restos de manteiga que haviam caído no tapete. O cão pousou sôbre êle o seu olhar de bicho inteligente e sensível.

— Então? Que há — perguntou-lhe o sr. Gratuleux.

E uma idéia fulgurante atravessou-lhe o espírito. Moco acompanhava Fauchette em tôdas as suas fugidas. Moco, sem o qual nunca saía, retinha os nomes com memória notável. Gratuleux pronunciou o seu próprio nome, com a entonação habitual que Fauchette lhe dava:

— Léon... Léon chegou... Vai ter com Léon...

Moco não se enganou: abanou a cauda, lançou o seu ladrar de bôas vindas e pôs, sôbre o joelho do seu dono atual, uma pata, afetuosamente.

Obtida esta prova, o sr. Gratuleux fêz nova experiência com a formal intenção de fazer desfilar todos os santos do calendário, até que encontrasse o nome fatal que testemunharia o seu infortúnio.

— Rigobert? Que bem apanhado! Olha o Rigobert, Lucien!... Julien!... Guillaume... Ai vem Arcade, Moco... dá os bons dias a Félix!... Marcel!... Sebastien! Raymond!... Babylas...

Quando chegou a Crisóstomo, Fauchette abriu a porta.

— Por que estás a gritar?

— Falava com o cão. Êle é muito inteligente.

— E' um amorzinho. A Romaine já se foi?

— Já.

— Até que enfim estamos livres! Vou já à agência. Quero uma loura com quarenta anos e que saiba o serviço na ponta dos dedos... Se ela não me chamasse de megera, não lhe tinha atirado o chocolate à cara. Felizmente sei manter-me. Qualquer outra senhora era capaz de lhe pedir desculpa. Ela não vai queixar-se à polícia, pois não?

Tranqüilizada, acabou a "toilette" e reapareceu vaporosa, risonha, com um pretexto: ia a casa da tia, em Grenelle.

— Ao menos deixa-me o Moco. E' um pouco de ti — suspirou insidiosamente o sr. Gratuleux.

— Estarei de volta às 8 horas.

Fauchette deu-lhe um beijo evasivo e desapareceu. O sr. Gratuleux reabriu a agenda:

— Aqui Moco... Atenção. Ah! Aqui está Casimiro. Bom dia Adrien! Gregoire! Oh meu querido Alexandre!...

Moco permanecia sentado, a fronte plissada, como se refletisse. Alguns nomes pareciam despertar-lhe recordação fugaz; preparava-se para saltar, mas dominava-se. Chegado a Benjamin, que marca o último dia de Março, Léon sentiu suave esperança banhar seu coração doído de ciúmes. Fizera mal, talvez, em ligar tanta importância às insinuações duma criada despedida. Contudo decidiu levar a experiência até ao fim, se bem que sentisse algum constrangimento diante de Moco. Em 8 de Abril a agenda indica Albert. Gratuleux chamou:

— Albert!

Mal tinha pronunciado êste nome, Moco deu prova da mais viva agitação.

— Olha o Albert... Vai ter com o Albert!

O cãozinho ladrou, foi à porta, cheirou, arranhou o tapete, voltou para o pé de Léon, com a pata levantada.

— Busca... busca o Albert!...

Albert devia ter caráter brincalhão, porque Moco, aflito com a alegria, arremessava-se, agitava-se, a cauda baixa, em procura do seu amigo de brincadeiras.

— E' êste — murmurou Léon — estou informado! Mas a sua descoberta não lhe deu grande satisfação; até gratificou com um pontapé Moco, que teimava em procurar Albert.

Às 5 horas, quando Fauchette chegou, trazendo como de costume, num embrulhinho, dois bolos para a sobremesa, notou que ela vinha cansada e como que minada de remorsos.

— E' curioso — disse êle de repente — há cães que falam!

— Deixa-te de tolices.

— Ouvi uma vez um, que pronunciava distintamente "Papai. Perdi meu guarda-chuva..."

— Não! E' lá possível!

— Palavra de honra! Era da raça do Moco, por sinal. E há bocado, entretive-me a estudar o ladrar de Moco. Quando eu chebo, sabes que êle ladra, assim "Beu!... Beu!..." Pois sabes o que eu descobri que êle quer dizer? um nome!

— Um nome? Qual?

— Albert.

Se o sr. Gratuleux tinha quaisquer dúvidas, a atitude de Fauchette não tardou em dissipá-las. Com efeito, ela abriu a bôca, não proferiu nenhum som, fêz-se escarlate e caiu num fauteuil.

— Foi Romaine que me traiu! — gemeu ela.

— Não. Foi o cão. Mas não preciso de saber mais nada. A minha mala?

E aquêle dia registou dupla partida: da criada e de Gratuleux.

Êste voltou ao seu domicílio, que era triste e só, partiu para viagem de seis meses, mas voltou no fim de quinze dias, magro e inconsolável.

Abandonou todos os escrúpulos de amor próprio e escreveu à infiel cartas que ficaram sem resposta. Acabou por esperá-la na rua. Escondido por um carro de distribuição de mercadorias, mais emocionado que um colegial na sua primeira entrevista. Viu-a chegar a pé, às 8 e um quarto, levando na mão, como outrora, um pequeno embrulho de bolos. Ela apressava-se, por estar em atraso, como de costume, para chegar a casa do sucessor do sr. Gratuleux.

Êste, murmurou: "Fui substituído" e vacilou. Mas conseguiu ainda fôrças para esboçar um cumprimento e um sorriso. Fauchette passou muito direita, orgulhosa e altiva.

E o sr. Gratuleux viu então que ela era seguida por Moco, um Moco melancólico, de olhos baixos e tristes, que parecia expiar um crime, cujo focinho estava hermèticamente prêso por apertada mordaça...

Henry Duvernois

GRIPES? TOSSES? BRONQUITES? ASMA? COQUELUCHE?
XARO PEITORAL PAULISTA
De grande eficiência nas moléstias do aparelho respiratório
Produto do Lab. Farmacêutico das
INDÚSTRIAS REUNIDAS DE JOSÉ STEFANINI
Av. Londres, 416 — Bonsucesso — Fone: 30-5540

Careta

ENCONTRA-SE À VENDA
nas principais bancas de jornais e revistas de todo o país, ao preço de Cr$ 4,00

AGENTE GERAL PARA O BRASIL
FERNANDO CHINAGLIA DISTRIBUIDORA S. A.
Av. Pres. Vargas, 502, 19.º and.
Rio de Janeiro
Tel. 43-6161

NOS ESTADOS E TERRITÓRIOS
TERRITÓRIO DO GUAPORÉ: Livraria Violeta, Cruz & Cia. (Pôrto Velho).
AMAZONAS: Livraria Escolar Ltda., Rua Henrique Martins, 177/181 (Manáus).
PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Trav. Campos Sales, 85/89, (Belém).
MARANHÃO: Ramos d'Almeida, Praça João Lisboa, 114, (São Luís).
PIAUÍ: Cláudio Moura Tote, Rua Coelho Rodrigues, 1189, (Teresina.)
CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, (Fortaleza).
RIO GRANDE DO NORTE: Luís Romão, Av. Tavares de Lira, 48 (Natal).
PARAÍBA: S. A. Luna, Rua do Riachuelo, 266, (João Pessoa).
PERNAMBUCO: Joel Moura, Rua da Matriz, 121, (Recife).
ALAGOAS: Distribuidora de Jornais e Revistas Ltda., Rua da Bôa Vista, 111 (Maceió).
SERGIPE: Livraria Regina Ltda., Rua João Pessoa, 137, (Aracaju).
BAHIA: Distribuidora de Revistas, Sousa Ltda., Rua Saldanha da Gama, 6, (Salvador).
MINAS GERAIS: Soc. Distribuidora de Jornais e Revistas Ltda., Av. Andradas, 280, (Belo Horizonte).
ESPÍRITO SANTO: Alfredo Copolillo, Rua Jerônimo Monteiro, 361, (Vitória).
SÃO Paulo: Distribuidora de Jornais e Revistas, A Intelectual S. A., Avenida Casper Líbero, 36 — 3.º and., salas 307/8, (São Paulo)
PARANÁ: J. Ghignone & Cia. Ltda. Rua 15 de Novembro, 423, (Curitiba).
SANTA CATARINA: Arthur Beck, Caixa Postal 130, (Florianópolis).
RIO GRANDE DO SUL: Salvador La Porta, Rua 7 de Setembro, 723, (Porto Alegre).
MATO GROSSO: R. Carvalho & Cia., Praça da República, 20, (Cuiabá).
GOIÁS: Agrício Braga, Av. Anhanguera, 78, (Goiânia).

TEMOS EM TÔDAS AS GRANDES CIDADES DOS ESTADOS, SUB-AGENTES ENCARREGADOS DE NOSSA DISTRIBUIÇÃO

Nariz não é remédio para dor de dentes

Madalena Silveira apresentou queixa às autoridades competentes contra seu ex-companheiro Luís Romeiro por... canibalismo, se assim se pode dizer.

— O senhor lançou-se sôbre D. Madalena numa atitude inconcebível, querendo comer-lhe o nariz! — disse o delegado ao acusado.

O ex-companheiro da queixosa, jovem pálido, de cabelos longos e queixo saliente, retificou:

— Não o nariz inteiro, apenas a ponta.

Todos os presentes riram-se. Luís permaneceu sombrio. Madalena também... Era bonita morena que tinha na ponta do nariz larga cicatriz, marca indelével da dentada do seu antigo amante. A autoridade perguntou-lhe:

— Enfim, por que fêz isso?

— Não sei!

— Como não sabe?

— Não sei!

— Brigaram?

— Não...

— O senhor tinha alguma queixa dela?

— Não...

O delegado impacientou-se:

— Deixe essa estúpida atitude: não se faz uma coisa dessas sem razão!

Então baixo, muito baixo, Luís confessou:

— Eu tinha dôr de dentes.

A autoridade julgou ter ouvido mal:

— Que foi que disse?

O acusado decidiu-se a explicar seu ato:

— Sim! Tinha dois dentes que me doiam... Dentes do siso que me desesperaram...

E que, em todo caso, não lhe deram siso; só porque Madalena rindo-se, dissera-lhe que dôr de dentes era mal de amor, êle enfureceu-se e com uma dentada quase arranca a ponta do nariz da brincalhona.

— Eu pensei que êle estava louco! — exclamou ela

— Não; sofria muito — esclareceu êle.

A dentada valeu-lhe um mês de prisão com sursis. Ao saírem do tribunal, Luís suplicou:

— Perdoa-me, Madalena.

A moça, apalpando a ponta do nariz, respondeu peremptòriamente:

— Nunca!

SALVO-CONDUTO

Mesmo as mais sombrias tragédias têm seu lado humorístico. Há pouco, o prefeito de uma localidade algeriana ordenara, por prudência, que se guardassem as entradas da Prefeitura.

— Recomendação rigorosa: ninguém entra sem salvo-conduto devidamente assinado pelo prefeito!

Com a consciência em paz, o chefe da comuna foi almoçar em casa e, duas horas depois, voltou do seu gabinete. Mas, na entrada do prédio, estava postado um guarda. Com sotaque corso, a sentinela intimou:

— Seu salvo-conduto?

— Que há? — perguntou o recém-chegado — sou o prefeito. Não me conhece?

— Que tem isso? Onde está seu salvo-conduto?

O prefeito encolerizou-se. Seu rosto ficou rubro. Mas logo veio a reflexão. Recuou alguns passos, tirou do bolso a caneta-tinteiro e um velho envelope e nele escreveu: "Salvo-conduto" e assinou.

... E passou.

Sucesso no horário noturno da Rádio Mundial, a novela de Amaral Gurgel:

"RETALHOS DE VIDA"

às 20.00 horas, segundas, quartas e sextas-feiras.

◆

ESCRITA especialmente para o radio-teatro da PRA-3, "Retalhos de Vida", produção do famoso novelista Amaral Gurgel apresenta quatro histórias completas ligadas sempre por alguns personagens que vivem o drama do fio condutor. Êstes personagens são: o "Inspetor Ernani"; "Antônio", um soldado do Corpo de Bombeiros; o "Repórter" e "Andréia", uma cantora de "boite".

A história começou com um incêndio de um edifício e a conseqüente investigação na vida das vítimas. Dessa maneira, "Retalhos de Vida" conta a vida no Corpo de Bombeiros, e outras histórias humanas e dramáticas... A primeira história da série teve o título de "O Grande Homem", onde atuaram com destaque as seguintes figuras do "cast" radioteatral da Organização Victor Costa: Dantas Ruas (Inspetor Ernani), Nélio Pinheiro, Urbano Lóes, Talita de Miranda, Neyde Rodrigues e Marcia Gonçalves. Atualmente está sendo apresentada a sequência intitulada: "Os filhos não são nossos", tendo nos seus principais papéis os desempenhos de Amélia Simone, Neyda Rodrigues, Renee Bell, Mario Brasini, Waldir Fiori, Jonas Garret, Zelia Guimarães e Riva Blanche.

"Retalhos de Vida", de Amaral Gurgel, está sendo irradiada através dos 360 quilociclos da RÁDIO MUNDIAL, PRA-3, tôdas as segundas, quartas e sextas-feiras, às 20,00 horas, numa cortezia de COLGATE-PALMOLIVE.

Amélia Simone, Dantas Ruas e Neyde Rodrigues, radiatores exclusivos da Organização Victor Costa, e que têm destacadas atuações em "Retalhos de Vida".

O refrigerador comercial Iceland

dá maior rendimento e custa menos

Eis uma nova fonte de lucro para o seu estabelecimento: um refrigerador de alta qualidade, grande rendimento e baixo custo. Nos mais diversos ramos comerciais, sejam hoteis, restaurantes, mercearias, como ainda em hospitais, escolas e clubes, "Iceland" resolve o seu problema de refrigeração.

UM REFRIGERADOR DE LONGA VIDA

Material da mais alta qualidade, aliado à vasta experiência em refrigeração dos fabricantes de "Iceland", são a base da longa vida deste refrigerador.

"ICELAND" **É O SEU MELHOR INVESTIMENTO A LONGO PRAZO**

ICELAND
PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Produto de **PAUL J. CHRISTOPH COMPANY**

Rua São José, 83